

TEATRO

UMA ÚLTIMA CENA PARA LORCA

Antônio Roberto Gerin

Texto indicado ao Prêmio SHELL/2005, na categoria Melhor Autor.

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 225.618

Personagens

Lorca

Maria

Dona Fernanda (Mãe de Maria)

Dona Inácia (Vizinha)

Altiva (Vizinha solteirona)

Menino (Vizinho, dezesseis anos.)

Pedro

Moço Lopez

Esperanza (Amiga de Lorca)

São dois planos que se confundem e se interagem, sendo de um lado um quarto em pavimento superior, com poltrona, armário, cama, uma mesa onde se espalham papéis avulsos, um piano, e uma ampla janela dando para um pátio interno. Do outro lado, uma sala pequena, despojada, com pouco mobiliário. E, contígua a ela, unida por um corredor vindo do fundo, uma cozinha bem provida de móveis e utensílios. Logo ao lado do corredor, à direita, vê-se uma porta que leva aos quartos da casa. À frente, à esquerda, a porta principal da sala, encoberta por espessas folhagens. E, logo adiante, na mesma direção, um portão de ferro, imponente, dando imediatamente para a rua.

ATO I**CENA I**

- LORCA *(Ao piano, dedilha uma canção popularmente conhecida, de tons tristes. Aos poucos vai diminuindo o ritmo, volta a acelerar, diminui e acelera, depois abandona o piano, vai até a mesa, pega alguns papéis, folheia-os, sôfrego e agoniado. Mostra um certo esgotamento físico e emocional. Veste camisa branca, calças cinzas e gravata desalinhada. Olha para a porta.)* - Por que será que Esperanza está demorando tanto? Ela disse que voltava logo. *(Traz à altura dos olhos algumas folhas, analisa-as, está excitado com alguma ideia que acaba de vir-lhe à mente. Depois larga os papéis sobre a mesa e vai até o portão. Fica ali por uns instantes, pensativo. Maria, em penumbra, está na cozinha, imóvel.)* - Maria! *(Lorca vai até a sala, para, olha, como se calculasse algo. Em seguida, volta ao portão. Grita.)* - Maria! (...) Mari-i-a!
- MARIA *(A luz abre sobre Maria, surgindo, apressada, do fundo do corredor.)* - Não precisa gritar!
- LORCA Você estava demorando.
- MARIA Eu estou ficando louca, isso sim! Uma hora quer que eu fique na cozinha, depois quer que eu fique na sala, depois quer que eu corra para o portão... Assim não dá!
- LORCA Eu tenho quanto tempo pela frente? Meia hora talvez? *(Apressando o ritmo da fala.)* Uma? Talvez uma hora

e dez minutos? Uma e onze? Doze? Treze? Quem sabe se daqui a duas horas eu já não esteja preso? Ou morto?

- MARIA Credo!
- LORCA Por acaso, sei o que vai ser da minha vida, Maria? *(Pausa. Nervoso.)* E você? Você sabe o que vai ser da sua?
- MARIA Ainda não, mas logo vou saber.
- LORCA Mas pra isso eu tenho que concluir a última cena. Posso?
- MARIA *(Malcriada.)* - Pode.
- LORCA *(Indicando o texto.)* - Tem... um probleminha aqui!
- MARIA *(Nesse momento, entra o menino, mãos nos bolsos, autoconfiante, para a uma certa distância e fica observando a cena. Poder-se-á notar em seus gestos, principalmente nos olhares, ora uma curiosidade maldosa, ora um interesse libidinoso por Maria, típico de adolescentes, atitudes essas que irão se tornando cada vez mais evidenciadas ao longo do texto. Surgem também as outras personagens, elas se aproximam e ouvem atentamente o que Lorca e Maria falam. Maria cruza os braços, impaciente.)* - Qual?
- LORCA Não quero que você fique no portão esperando o moço Lopez.
- MARIA Eu sabia!
- LORCA Não quero! Você vai apenas sair, chegar junto ao portão, dar uma olhadinha, rápida, ansiosa, o público tem que perceber sua ansiedade, não se esqueça disso, e depois você vai voltar correndo pra sala. Vai, olha e volta. De um modo intenso, mas discreto. Entendeu?
- MARIA Não! Não entendo por que não posso ir ao portão e

ficar ali esperando o moço Lopez.

LORCA

Como é teimosa...!

MARIA

(Firme.) - Não entendo.

LORCA

(Impacientemente, compassado.) - Eu já expliquei, vou explicar de novo. Uma mulher na sua situação...

MARIA

Encalhada.

LORCA

...encalhada

MARIA

Mal falada.

LORCA

...mal falada, não pode ficar no portão, esperando que um homem venha lhe fazer a corte. Os vizinhos, Maria! Imagine o que é que não vão dizer! Olha lá a...

MARIA

A vagabunda!

LORCA

É por aí.

MARIA

Estou pouco me importando.

LORCA

Mas devia.

MARIA

Não sei por quê.

LORCA

Porque as pessoas são... más! Intolerantes. Acima de tudo, intolerantes! *(O menino reage às palavras de Lorca, como se vestisse a carapuça, e se afasta furtivamente.)*

MARIA

Me diz. Esperar o moço Lopez na sala ou no portão, qual, meu Deus do céu, a diferença?

LORCA

Pra mim, pra você, nenhuma.

MARIA

Então!

LORCA

Mas as pessoas não pensam assim. Elas veem diferença nisso. E muita diferença.

- MARIA Mas você concorda que não há.
- LORCA *(Com convicção.)* - Concordo.
- MARIA *(Com leveza e trejeitos.)* - Ótimo! Então vou esperar o moço Lopez no portão.
- LORCA *(Bate uma das mãos na nuca, grita.)* - Não!
- MARIA Quem está sendo teimoso agora é você.
- LORCA *(Desesperado.)* - Não dificulte as coisas, Maria. Não havíamos combinado que eu ia lhe dar um final feliz? Não é isso que você quer? Você, a mulher apaixonada, encontrando seu amor e sendo feliz para sempre? Não é?
- MARIA Estou esperando...
- LORCA Confia em mim!
- MARIA Estou cansada de ficar trancada nesta casa, esperando!, esperando!, esperando! Cansada de ficar me escondendo de todo mundo, como se eu tivesse cometido um... sei lá, um crime!
- LORCA Você acha que eu também não estou cansado? Olha pra mim. Há oito dias que me escondo neste quarto, Maria! Oito dias esperando algo acontecer. O quê? Não sei. Quer tormento maior que esse? Você ter que fugir, ter que se esconder, ter que esperar... Sabe o que isso significa? Significa que não sou mais dono do meu destino. Vão me levar pra alguma sala escura? Vão me interrogar? Me acusar? De quê? O que eu fiz? Talvez me levem depois para o muro do cemitério. Ou talvez digam. Pode ir embora, senhor Federico Garcia Lorca! Foi um engano. Isso é a guerra, Maria! *(Num ímpeto, puxa Maria para próximo da janela.)* Venha cá, venha! Olhe pela janela. Talvez você possa ver os caminhões levando os presos lá pra cima, pra serem fuzilados no muro do cemitério. Todos os dias, eles passam por aqui, levando gente, sabia? Lá em cima, cada um vai receber quantos tiros no peito? Três?

Quatro? Cinco? Você olhando a ponta do fuzil e esperando a morte chegar! Hein? Você sabe que ela virá, Maria. Quando os carrascos apertarem o gatilho, o silêncio ecoará para sempre no seu peito. (*Grita, nervoso.*) Ontem foi meu cunhado. Amanhã pode ser eu! Ou hoje! Veja como está Granada! Veja como está a Espanha! Veja como está o mundo! (*Volta-se para Maria.*) E você ainda quer que eu invente um final feliz pra você?

MARIA

Você prometeu.

LORCA

Prometi, sim!, mas você não me ajuda. Quer ser feliz, mas quer fazer só o que bem entende. Ninguém é feliz fazendo só o que quer.

MARIA

Eu sou.

LORCA

Ah, é?! (*Irônico.*) Então, sintá-se à vontade...! Você quer ficar no portão esperando o moço Lopez? Fique! Você quer subir a rua atrás dele? Suba! Mas depois não venha me pedir felicidade. (*Maria está pensativa. Lorca se exalta.*) Deixe-me dizer uma coisa. Você sabe o que é intolerância? Sabe sim, lógico que sabe. Intolerância é isso que está aí fora. Alguém achar que seu vizinho, por algum motivo banal, merece ser fuzilado! (*Aponta a janela.*) Que morra! Não é simples? Maria não presta? Uma vagabunda? Matem-na! Simples, não? (*Muda o tom.*) Ninguém suporta ser contrariado, Maria.

MARIA

(*Determinada.*) - Eu sou apenas uma personagem, Lorca. Me dê liberdade! Me faça feliz! Por acaso, amar é vergonhoso?

LORCA

Há regras pra se amar. Se você transgredir essas regras, aí sim o amor se tornará vergonhoso.

MARIA

Isso é um absurdo!

LORCA

Pense como quiser, mas as coisas são como são. Absurdas, mas são assim.

- MARIA Não são!
- LORCA Meu Deus, como é difícil. Eu tenho que manter a calma. Eu tenho...
- MARIA Você é muito nervoso.
- LORCA Me deixe em paz! (*Vai até o armário e retira a mala, fazendo menção de arrumar suas coisas. As personagens, inclusive o menino, contrariadas, reagem, impedindo-o. Evidente, não querem que ele parta.*) Eu vou fugir de Granada! Decidi! Eu vou-me embora. Quando a guerra acabar, eu volto, está bem? (*Alegre.*) É! Aí eu volto e termino a peça! O que acha?
- MARIA E se você não voltar? E se você morrer? Não! Só falta a última cena. Você vai terminar. (*Imaginando.*) E é assim que vai ser. Eu nos braços do moço Lopez...
- LORCA Feliz!
- MARIA (*Autoritária.*) - Sim, feliz. Por acaso, é impossível?
- LORCA Não! Minha personagem é quem manda, eu apenas obedeco. (*Agitado.*) Mas... tenha cuidado com os irmãos do moço Lopez. Eles prefeririam vê-lo morto a se casar com você. Por isso, ouça!
- MARIA (*Demonstrando impaciência.*) - Estou ouvindo.
- LORCA (*Sem ouvi-la.*) - Convença o moço Lopez a se mudar pra outra cidade. É. Outra cidade, bem longe, vocês dois. Longe de qualquer problema. E tem mais. O moço Lopez vai aceitar você, vocês vão se casar, mas ele vai começar a fazer restrições. (*Acelerando o ritmo.*) Você vai ter que usar vestidos mais longos do que esses, nada de vestidos coloridos, todos terão que ser pretos e cinzas, fitas nos cabelos nem pensar, sorrir em público, esqueça, ler livros além da Bíblia, proibido, conversar no portão...
- MARIA (*Interrompe-o.*) - Chega! Já sei de tudo. Eu uso vestidos longos, não vou mais sorrir, não vou mais

cantar, vou ter os filhos que ele quiser, tudo o que ele quiser! Tudo bem. Contanto que ele me ame e me respeite, eu aceito tudo. Até tiro as fitas coloridas dos cabelos.

LORCA *(Silêncio. Impressiona-se com a determinação de Maria.)* - Então, que os noivos sejam felizes para sempre!

MARIA *(Seca, autoritária.)* - Mas tem uma coisa.

LORCA O que é?

MARIA Eu vou à festa sábado. Com ou sem o moço Lopez.

LORCA *(Comicamente surpreso.)* - Não acredito!

MARIA Você ouviu. Se o moço Lopez não me convidar para a festa, eu vou sozinha, sem ele. Trancada aqui em casa, enquanto todos lá em cima, na praça, se divertem, eu não fico não.

LORCA *(Desanimado.)* - Não dá pra acreditar.

MARIA Pois vá acreditando. Se não quer que eu vá sozinha à festa, trate de fazer o moço Lopez me convidar. Entendeu?

LORCA *(Para perto da mesa, gesticulando, a luz fechando sobre ele, enquanto ouve-se barulho de alguém subindo a escada.)* - Maria! *(Procura.)* Maria! Você não pode ir à festa sozinha, sem o moço Lopez, ouviu? *(Maria, pressentindo a aproximação de alguém, se afasta. Lorca procura por ela.)*

CENA II

ESPERANZA *(Entra. Veste-se de forma simples e recatada. Está*

sempre visivelmente angustiada.) - Falando sozinho, de novo, Federico!

- LORCA *(Recompõe-se.)* - Estou muito cansado.
- ESPERANZA Dá pra notar.
- LORCA Esta noite não dormi bem. Há várias noites que não durmo bem.
- ESPERANZA *(Surpresa.)* - Você está suando!
- LORCA Hoje está mais quente que o normal.
- ESPERANZA Você também não para. Pra lá e pra cá, pra lá e pra cá o tempo todo.
- LORCA Eu tenho que terminar a peça.
- ESPERANZA Não sei como você consegue trabalhar com tantos problemas.
- LORCA Dou um jeito.
- ESPERANZA Aqui não dá mais pra você ficar, Federico. É muito arriscado. Assim que escurecer, vamos levá-lo pra casa do compositor.
- LORCA Que diferença faz aqui ou lá?
- ESPERANZA Meus irmãos acham que andam desconfiando que você está aqui. Isso não é bom, nem pra você nem pra nós.
- LORCA Eu preciso sair de Granada. Fugir. Rápido!
- ESPERANZA Era o que você devia ter feito antes. Mas você não quis ouvir meus irmãos. Agora ficou complicado. Os revolucionários estão aí, por toda parte.
- LORCA Eu não devia ter saído de Madri.
- ESPERANZA Agora não adianta ficar lamentando.
- LORCA Mas eu tinha que vir... Minha família está aqui... Você

tem notícias? Eles telefonaram? E o corpo do meu cunhado? Meu pai localizou?

ESPERANZA Ainda não consegui falar com sua irmã. Aliás, não se consegue falar com ninguém nesta cidade.

LORCA Estou com medo, Esperanza, com muito medo.

ESPERANZA Eu ajudo você a arrumar suas coisas.

LORCA Será que vão-me fazer algum mal?

ESPERANZA Lógico que não! Você é um poeta conhecido. Pare de trabalhar, descanse um pouco.

LORCA Nosso destino é viver uma grande paixão, não é, Esperanza? Pelo menos uma, não?

ESPERANZA *(Suspira.)* - Eu acredito que sim.

LORCA Você acha que fica esquisito nesses tempos de tantos horrores eu dar um final feliz à peça? É possível fazer minha personagem encontrar seu grande amor?

ESPERANZA Lógico que é possível!

LORCA Mas... se, em vez de um amor feliz, eu criasse um amor trágico?

ESPERANZA *(Aproxima-se, carinhosa.)* - Pra que piorar as coisas?

LORCA Não sei. Talvez pra poder entender o que está acontecendo.

ESPERANZA Anime-se! Vamos ter um final feliz! *(Abraça-o por trás.)* Todos nós! *(As personagens apoiam.)*

LORCA *(Momentos de indecisão.)* - Está bem. A personagem é minha, não é? *(Pega os papéis em cima da mesa, revira-os, separa as duas últimas páginas e as coloca de lado, displicente. Animado com a ideia que lhe vem à cabeça.)* Vou fazer uma surpresa pra Maria! O que acha? *(Maria reage, espalhafatosa, fica andando em volta de Lorca, quer falar-lhe, manifesta impaciência.)*

Ao fundo, de um lado, vê-se o menino. Do outro, dona Fernanda, como se todos, inquietos, chamassem Lorca para dar início à leitura da peça. Lorca acompanha Maria com os olhos, vibrante e perplexo, e aos poucos vai-se deixando envolver por ela. Reage, levantando-se.) Bem. Deixe-me continuar.

ESPERANZA *(Fazendo menção de sair.) - Ainda temos uma hora antes de escurecer. Vou tentar localizar o Luiz. Ele é que vai tirar você daqui. (Sai.)*

LORCA *(Para Esperanza.) - Faz dias que o Luiz não vem me visitar! (Lorca se volta para Maria. Está agora alegre e excitado e dirige-se a todos.) - Vamos começar tudo de novo, do início. Desta vez, não vou interromper vocês, eu prometo. Temos pouco tempo. Repete a cena do portão, Maria. Mas não precisa correr tanto. Seja mais leve, mais suave. Vá! (Maria, que havia se posicionado no começo do corredor, atravessa apressada a pequena sala, sai pela porta da frente, desce até o portão, olha ansiosa rua acima. Lorca se afasta para o lado, satisfeito. Agrada-lhe a cena.) Ótimo! Agora, entre!*

CENA III

MARIA *(Entra, sorrateira, pela porta da frente e para no meio da sala.) - Quanto mais quente, mais lindo é o sol! Quanto mais fria, mais linda é a lua! (Sai, feliz e apressada, para o quarto.)*

DONA FERNANDA *(Entrando pelo corredor. Trará sempre um ar um tanto assustado, sem, contudo, esconder seu jeito terno e despachado.) - Maria!*

MARIA *(Do quarto.) - Estou aqui.*

- DONA FERNANDA Eu sei que você está aí. E sei também que estive no portão hoje.
- MARIA Não estive.
- DONA FERNANDA Não foi o que me contaram.
- MARIA Eu juro! Não fui ao portão.
- DONA FERNANDA Você jura?
- MARIA *(Fingindo-se indignada.)* - Mamãe!
- DONA FERNANDA Tudo bem. Graças a Deus! Dobrou as toalhas?
- MARIA Estão aí em cima.
- DONA FERNANDA *(Vendo as toalhas.)* - Por que você continua a dobrar desse jeito?
- MARIA Porque é mais fácil.
- DONA FERNANDA Pode ser, mas eu sempre ensinei que se dobra pelo comprimento. Amarrota menos. *(Voltando-se para Maria, que acaba de entrar.)* Maria, o que está acontecendo com você, minha filha? Não obedece mais a sua mãe... Essa cabecinha sempre longe...
- MARIA Quando é que a senhora vai começar a fazer os doces da festa?
- DONA FERNANDA Vou começar hoje mesmo. Me encomendaram trinta e cinco bandejas e não sei quantos pratos. E a festa já é sábado...! Você vai me ajudar.
- MARIA Só se eu for à festa.
- DONA FERNANDA Você não vai à festa sozinha. Nem pensar.
- MARIA *(Breve pausa.)* - Fui ao portão sim. Só um pouquinho.
- DONA FERNANDA Você quer colocar tudo a perder, é?
- MARIA Gosto de ir ao portão ao entardecer, quando o sol

enche de luz as grades de ferro. (*Sai, levando algumas roupas.*)

DONA FERNANDA Não sei aonde você vai parar com essa teimosia.

CENA IV

DONA INÁCIA (*Entrando, após duas breves batidas na porta. Traz os cabelos lisos, negros e compridos, presos em coque, comicamente alto. Vai para a cozinha, onde está dona Fernanda*) - Vamos, dona Fernanda, vamos, que a hora não espera. Há muito doce pela frente.

DONA FERNANDA (*Agoniada e atrapalhada, enquanto ajeita alguns utensílios sobre a ampla mesa da cozinha.*) - Não sei nem por onde começar.

DONA INÁCIA A senhora está com a lista?

DONA FERNANDA Está aqui. Decidi! Primeiro, os pastéis de nata. Não é o que todos adoram? (*Consultando a lista.*) Oito bandejas!

DONA INÁCIA Tivesse eu mãos iguais às suas pra doces...

DONA FERNANDA Pena que Maria não tem a mesma inclinação.

DONA INÁCIA (*Insinuando.*) - As inclinações de Maria são outras.

DONA FERNANDA É jovem ainda pra saber das próprias habilidades. Ainda mais sendo tão inquieta como é.

DONA INÁCIA Fogosa, isso sim!

DONA FERNANDA Apenas inquieta, Inácia. E um pouquinho voluntariosa.

DONA INÁCIA Você adocica muito a língua quando fala de Maria.

- DONA FERNANDA E você exagera na pimenta.
- DONA INÁCIA A culpa é sua pela filha que tem.
- DONA FERNANDA Deixa de implicância, Inácia. Ela é uma menina alegre, inteligente, cheia de vida, que teve a má sorte de ter tido um pai morto e uma mãe pobre. Só isso.
- DONA INÁCIA Mas ela, dona Fernanda, é alegre demais. E é muito dada para o meu gosto.
- DONA FERNANDA Maria anda muito só, isso me preocupa.
- DONA INÁCIA Admitiu que foi ao portão hoje?
- DONA FERNANDA Admitiu. Coitada, não aguenta mais ficar trancada em casa, como se tivesse algo a esconder.
- DONA INÁCIA E tem.
- DONA FERNANDA Ela já mudou muito.
- DONA INÁCIA Se fosse filha minha, teria tido sorte pior.
- DONA FERNANDA *(Cômica.)* - Ainda bem que as suas se casaram cedo, antes que algum foguinho as queimasse.
- DONA INÁCIA Desse mal, dona Fernanda, pode ter certeza, minhas filhas não padeceram.
- DONA FERNANDA Sua mais velha... até posso acreditar, mas a Dolores...
- DONA INÁCIA *(Interrompendo, seca e autoritária.)* - Estamos falando de Maria, dona Fernanda, minha afilhada, que muito está me preocupando. Até demais. E não é por falta de aviso e conselho. O problema é que eu seguro e a senhora solta.
- DONA FERNANDA Tenho muito do que me ocupar, Inácia.
- DONA INÁCIA Se não for eu vir aqui lhe dizer, a senhora nem fica sabendo quantas vezes Maria vai ao portão. Só hoje foram três vezes. Só o que vi. Três vezes! E esses vestidos que ela usa são muito coloridos. Ela parece

um arco-íris.

DONA FERNANDA Maria adora as cores.

DONA INÁCIA Na condição dela, só devia vestir cinza e preto. Impõe respeito.

DONA FERNANDA Principalmente, o vermelho.

DONA INÁCIA De vez em quando, o branco, em situações especiais.
(*Saindo com uma bacia, escorando-a à cintura.*)

DONA FERNANDA (*Tentando alcançar dona Inácia.*) - Maria disse que o moço Lopez também adora a cor vermelha...!

DONA INÁCIA Deixa que eu bato a massa. (*Saem.*)

CENA V

MARIA (*Ouvem-se batidas fortes na porta da sala. Entra correndo, vindo do quarto.*) - Quem bate? Já sei.

MENINO (*Entrando.*) - Maria! Sabe quem eu acabei de ver?

MARIA Nem posso imaginar.

MENINO Pode sim.

MARIA Não posso.

MENINO Pode.

MARIA Mas não quero.

MENINO O moço Lopez, Maria, descendo a rua!

MARIA E daí?

MENINO E daí...

MARIA Não engasga, menino. E daí?

MENINO E daí que eu vi o moço Lopez descendo a rua.

MARIA E qual a razão pra tanto espanto? Ele sempre desce a rua.

MENINO Mas fazia tempo que não descia.

MARIA Sim, fazia tempo. Bastante tempo...!

MENINO Pensei que desta vez ele viesse visitar você. Descia a rua tão altivo. Vinha decidido, olhando aqui pra baixo.

MARIA E por que haveria de vir-me visitar assim tão decidido?

MENINO Porque você é a noiva dele, ora!

MARIA Eu, noiva dele, quem disse?

MENINO Todo mundo. É o que dizem: Maria agora é noiva do moço Lopez. E ainda dizem. Que sorte a dela!

MARIA Mal posso acreditar no que ouço.

MENINO É verdade. Você ficou noiva. E sabe também o que dizem? Que Maria finalmente vai se casar.

MARIA (*Rindo.*) - Mais essa me falta agora. Estou noiva e não sabia. E já estão me casando! Não é surpreendente a noiva ser a última a saber do próprio noivado?

MENINO E sabe o que ouvi dizer também?

MARIA (*Enfadada.*) - Qual a próxima asneira?

MENINO Que você vai se casar só porque é bonita.

MARIA Ah, é?

MENINO Se não fosse bonita, não se casaria nunca. É o que dizem.

MARIA Você não anda ouvindo coisas demais não, menino?

- MENINO Não. Meus ouvidos são muito bem limpos pra ouvir só o que dizem.
- MARIA Você quer dizer... o que sua avó diz.
- MENINO Minha avó também só diz o que ouve.
- MARIA E ela disse que vou-me casar só porque sou bonita.
- MENINO Que se não fosse, ninguém iria querer se casar com você.
- MARIA *(Sem ouvir, distraída.)* - Se o moço Lopez me acha tão bonita, por que ele não me diz? Não importa. Não é preciso dizer. Vejo-lhe nos olhos o brilho de espanto quando me observa com seu jeito de moço recém-criado. *(Ri.)* Adoro aquele seu jeito de espanto! Sabe, menino, de fato sou bonita. Todos têm razão. E olha, nunca houve um espelho que me enfeasse!
- MENINO *(Insinuando-se, aproxima-se de Maria.)* - Eu gosto mais dos seus cabelos. São os mais lindos que já vi.
- MARIA Não seja mentiroso.
- MENINO *(Tenta tocar-lhe os cabelos.)* - É verdade.
- MARIA *(Afasta-se.)* - Não me toque.
- MENINO Nem parecem de verdade.
- MARIA Se vê que você já não é mais um menino. Não sei por que o chamo assim. Seu olhar já está começando a ter direção.
- MENINO Meu primo acha que seus olhos são mais bonitos que seus cabelos. Mas ele não entende nada.
- MARIA Por que, você entende?
- MENINO Eu entendo. Eu sei que seus cabelos são mais bonitos que tudo.
- MARIA Mas seu primo acha que são meus olhos.

- MENINO Meu primo não entende nada, já disse! Ele acha seu nariz grande.
- MARIA O quê? Grande, meu nariz? (*Apalpa.*) Não acredito.
- MENINO Ele acha que é.
- MARIA Ai, ai, ai! Então, agora vou ter que respirar menos.
- MENINO (*Sem entender o jogo.*) - Respirar menos...?
- MARIA Respirar menos, sim, senhor! Assim, o nariz não vai crescer tanto.
- MENINO (*Entrando no jogo.*) - Respirar faz o nariz crescer... é verdade?
- MARIA Não sabia?
- MENINO Não...
- MARIA Pois saiba! E olhar demais também faz os olhos crescerem.
- MENINO Faz?
- MARIA Com certeza.
- MENINO (*Inclina-se em direção a ela.*) - Então, vou fechar meus olhos.
- MARIA E falar demais também. Faz a língua crescer, como a sua, pelo que vejo, anda bem grandinha.
- MENINO (*Colocando a língua para fora e olhando-a. Insinuante.*) - Minha língua está na medida certa.
- MARIA Não está. E, se continuar nessa tagarelice, vai ficar parecendo língua de cachorro.
- MENINO Então, vou falar pouco.
- MARIA Faz muito bem. Muito bem mesmo. Você e toda a cidade deveriam falar menos. Daqui a pouco, vai estar

todo mundo aí com a língua caindo pelo queixo.

MENINO

Eu estou quieto.

MARIA

Não se dá um passo na praça sem que se tropece em meia dúzia de línguas.

MENINO

Eu não estou falando nada.

MARIA

Línguas sujas, escarnadas, apodrecidas...

MENINO

A minha?

MARIA

Principalmente, a sua.

MENINO

Vou ficar mudo e calado.

MARIA

Mais que na hora.

MENINO

Quando o moço Lopez descer a rua, não venho mais contar.

MARIA

Não?!

MENINO

E quando ele parar em frente ao portão da casa das De Los Remédios, também não venho contar.

MARIA

Não?

MENINO

Não e não! Você sabe onde o moço Lopez esteve ontem à noite?

MARIA

Não me interessa!

MENINO

Ah, é?

MARIA

Onde, me diz então.

MENINO

Não sei.

MARIA

Me conta!

MENINO

Não sei.

MARIA

Não mente.

- MENINO Você disse que eu tenho a língua grande.
- MARIA Eu não disse isso!
- MENINO Disse, eu ouvi. E que minha avó tem a língua podre.
- MARIA *(Um tanto nervosa.)* - Eu não disse! Pare de inventar!
- MENINO Esqueceu?
- MARIA E você disse que eu tenho nariz grande, não foi?
- MENINO Não, quem disse foi meu primo. O que eu disse é que você vai se casar só porque é bonita. Se não fosse, não se casaria.
- MARIA *(Alterada.)* - E posso saber por quê?
- MENINO Porque você fez muitas coisas feias, que mulher não pode fazer.
- MARIA E pode me dizer o quê?
- MENINO Não sei.
- MARIA Sabe, sim!
- MENINO Mas não vou falar, que é pra minha língua não crescer.

CENA VI

- DONA FERNANDA *(Entrando, vindo da cozinha.)* - Que gritaria é essa? O que esse menino tanto anda por essa porta?
- MENINO *(Fugindo.)* - Só porque é bonita!
- MARIA Menino atrevido.
- DONA FERNANDA Por que você deixa ele entrar?

- MARIA Ele entra.
- DONA FERNANDA Não gosto dele. Ele já está muito crescidinho pra ficar rodeando você desse jeito.
- MARIA Ele é o único que me traz notícias.
- DONA FERNANDA E por que você precisa de notícias?
- MARIA Ora, mamãe...
- DONA FERNANDA Eu acho que ele vem é buscar notícias. (*Entre insinuando e advertindo.*) E outras coisas mais...
- MARIA Não há nada aqui que ele possa aproveitar.
- DONA FERNANDA Mas um dia poderá haver.
- MARIA (*Suspirando.*) - Não sei como, trancada como vivo, não há o que se tire de mim.
- DONA FERNANDA Já disse pra ter paciência.
- MARIA Já venho tendo demais.
- DONA FERNANDA É só até o moço Lopez noivar com você. E parece que vai pedir por esses dias. Sua madrinha me disse. Quem sabe no dia da festa.
- MARIA Aquela velha fedendo a esterco...
- DONA FERNANDA Respeito! É sua madrinha.
- MARIA Já andam até dizendo que noivei.
- DONA FERNANDA Sua hora está chegando, Maria! Ele só está esperando uma oportunidade.
- MARIA Mas que oportunidade, mamãe? É só bater à porta.
- DONA FERNANDA Não fala assim, até fica parecendo que você é uma mulher disponível.
- MARIA E sou, não sou?

- DONA FERNANDA Você, com essa língua frouxa, assusta qualquer homem. Até o diabo! (*Desculpa-se, comicamente, batendo-se na boca.*) Cruz-credo!
- MARIA Mamãe, já faz quase um ano que estou aqui trancada, esperando que ele arranje uma oportunidade. Um ano!
- DONA FERNANDA Pedir o noivado é uma obrigação do homem. À mulher cabe ter paciência e esperar.
- MARIA Já esperei demais.
- DONA FERNANDA Também não concordo, Maria, com tanta demora. Mas que se há de fazer? Você sabe, não é qualquer moço que aceita uma mulher na sua condição.
- MARIA Não estou preocupada com a minha condição.
- DONA FERNANDA Mas devia!
- MARIA Não quero me casar só pra consertar uma situação. Assim não quero.
- DONA FERNANDA Não começa tudo de novo. Outra oportunidade como essa você não terá. A vida não escolhe duas vezes.
- MARIA Quem escolhe sou eu!
- DONA FERNANDA Não seja arrogante. Moço bom e trabalhador igual a ele não se encontra em toda esquina.
- MARIA Pra mim, bastava ter amor. É isso que eu quero. Que o moço Lopez me ame!
- DONA FERNANDA Mulher desonrada não pode pensar em amor. Deixa de ser teimosa!
- MARIA Mas eu posso querer o amor.
- DONA FERNANDA Isso não é viver.
- MARIA É o que, então?
- DONA FERNANDA É chamar desgraça.

- MARIA Pois que assim seja. Quem sabe talvez eu tenha a sorte de chamar a felicidade!
- DONA FERNANDA Não lhe resta muita escolha, minha filha.
- MARIA Tudo bem. Então, vou-me sentar (*Sentando-se.*) e esperar ser salva pelo moço Lopez.
- DONA FERNANDA Não brinca com coisa séria.
- MARIA Isso se ele vier.
- DONA FERNANDA Ele virá, tenho fé em Deus.
- MARIA E o tempo vai passando, passando, e eu vou me tornando uma solteirona, como nossa vizinha, dona Altiva.
- DONA FERNANDA Deus não vai permitir.
- MARIA Não sei por que só posso ir à festa se for convidada por ele.
- DONA FERNANDA Você não teria prazer em ir à festa com o moço Lopez?
- MARIA Com ou sem ele.
- DONA FERNANDA Você só deve sentir prazer indo com o moço Lopez.
- MARIA E se ele não me convidar?
- DONA FERNANDA Você não irá.
- MARIA Eu vou!
- DONA FERNANDA Se for, jogará fora o noivado.
- MARIA (*Parecendo não ouvir, falseando a voz.*) - Vai sorrir? Cuidado! Só se for para o moço Lopez.
- DONA FERNANDA Só se for pra ele, sim.
- MARIA Vai olhar? Cuidado! Só se for para o moço Lopez.

- DONA FERNANDA Os bons moços suas amigas já fisgaram, esqueceu? A Adélia com aquele dos Manolos, rico a perder de vista. A Marianita com Don Fajardo, uma graça de homem. E ela era bem espevitadinha, lembra? Gostava de namorar quem passasse pelo portão, fizesse sol, fizesse chuva.
- MARIA Mas manteve o recato, não foi?
- DONA FERNANDA Como saber...?
- MARIA De um jeito ou de outro, elas conseguiram um casamento, não é, mamãe?
- DONA FERNANDA Conseguiram.
- MARIA Ah, se a vida me permitisse as vontades mais íntimas!
- DONA FERNANDA Vontade e querer só trazem desgraça, já disse. Desgraça e (*Ênfase.*) sofrimento.
- MARIA Eu estou sofrendo, mamãe?
- DONA FERNANDA Está dando ares.
- MARIA A senhora acha que sou infeliz?
- DONA FERNANDA Não queria que fosse.
- MARIA Mas sou, não é?
- DONA FERNANDA Na aparência, você é feliz e isso é o que importa.
- MARIA É o que importa...
- DONA FERNANDA É. (*Pausa.*) Vem cá. Você gosta ou não gosta desse moço?
- MARIA (*Pensativa, em seguida, enlevada.*) - Gosto sim, claro que gosto. Sinto sua falta. Principalmente, à noite, quando me deito. Não sei por que meu travesseiro exala seu cheiro. Um cheiro selvagem, inebriante... Tão inebriante que meu sangue começa a vazar pelo corpo todo. Aí começo a rir, a rir sem parar.

- DONA FERNANDA Mariia! Isso são modos!
- MARIA É possível isso, o cheiro de um homem deixar você feliz?
- DONA FERNANDA Credo!
- MARIA Nunca sentiu isso, mamãe?
- DONA FERNANDA Não sei, minha filha, nunca tive esse tipo de vazamento.
- MARIA Às vezes, acho que esse cheiro não é do moço Lopez.
- DONA FERNANDA (*Assustada.*) - Mariia! Você fala como se... Meu Deus!...
- MARIA Ora, mamãe, não sei, estou confusa. Como acreditar se o moço Lopez realmente me ama?
- DONA FERNANDA Ama sim. E você também o ama. Esquece o Alonso.
- MARIA O Alonso eu já esqueci. Sabe em quem às vezes eu penso? Em Pedro.
- DONA FERNANDA (*Terna.*) - Aquele maluco...! Era muito engraçado... Mas não servia pra você.
- MARIA Um pouco antes de ir embora, ele me disse que um dia viria me buscar. Maria, quer ir comigo visitar o mundo? Vamos ouvir todas as músicas, vamos dançar em todas as praças, cantar em todos os palcos... Vamos nos amar em todos os lugares! Ah, eu achava isso tão lindo e ao mesmo tempo me parecia tão real!
- DONA FERNANDA Vou tratar é dos meus doces, isso sim. Eu só imploro, Maria. Não vá mais ao portão!
- MARIA Se eu for, não se preocupe, cuidarei pra que a madrinha não me veja.
- DONA FERNANDA (*Em atitude de desespero.*) - Pelo amor de todos os santos, Maria! Não percebeu que ele está testando você? Quanto mais tempo você ficar em casa, mais ele

vai ter certeza da sua honra! Ele quer primeiro tirá-la da boca do povo, pra depois vir pedir você em casamento.

MARIA Mamãe! Vivemos numa cidade pequena.

DONA FERNANDA Pra tudo se dá um jeito. Povo também esquece.

MARIA O que está feito está feito.

DONA FERNANDA *(Carinhosa.)* - Não é tão simples assim, não, minha filha. Seu pai também demorou pra me pedir em casamento. *(Uma certa comicidade.)* Eu me lembro que ele chegou a fazer uma trilha na mata, com seu cavalo, de tanto que ia e vinha, a ponto de a um quilômetro de distância eu ouvir os passos nervosos do animal socando o chão. E eu pensava: será que é hoje que o cavalo vai atravessar a porteira? Eu sabia que um dia isso ia acontecer. Um dia ele ia atravessar aquela porteira... Por isso, eu tremia toda vez que ouvia passos de cavalo. Ah, minha filha! Se pra mulheres normais é tão difícil, imagina pra você!

MARIA *(Indignada, ofendida.)* - Eu não sou normal, mamãe?

DONA FERNANDA Pra arranjar noivo, não.

MARIA Eu sou bonita.

DONA FERNANDA Mas, e daí? É bonita, mas já conheceu todos os prazeres e todas as dores que uma mulher pode conhecer.

MARIA E por causa disso não sou normal...

DONA FERNANDA *(Coloca-se em frente a Maria. Esforça-se por ser autoritária, mas não parece convicta. A compaixão que sente pela filha mina sua autoridade.)* - Você só tem duas escolhas, minha filha! Se você quiser continuar solteira e mal falada, então vai ao portão, vai à praça, vai à festa. Vai! Agora, se quiser se casar, então sim, você tem que ficar aqui dentro, muda e calada, vestindo preto e cinza, os olhos cabisbaixos, a

boca seca e escarnada de dor e arrependimento!

- MARIA O que a senhora me impõe é muito duro.
- DONA FERNANDA Não sou eu que imponho nada, minha filha. Mas, infelizmente, assim é que é.
- MARIA Não tenho outra escolha.
- DONA FERNANDA Não tem! *(Pausa.)* Bem, vou cuidar dos meus doces! *(Saindo para a cozinha.)* Alguém está batendo à porta. Se for aquele pirralho fedorento, expulsa daqui. A pontapés! Ele envenena seu humor. *(Sai.)*

CENA VII

- MENINO *(Entrando, afogueado.)* - Maria!
- MARIA *(Fazendo gesto de silêncio, até que dona Fernanda saia.)* - Sim!
- MENINO Maria! Vi o moço Lopez descer a rua de novo. Desta vez, ele parou na esquina. Está lá parado, olhando pra cá!
- MARIA *(Animando-se.)* - Olhando pra cá?
- MENINO É. Olha pra cá, com um jeito muito expressivo.
- MARIA E o que é um jeito muito expressivo?
- MENINO O rosto suado, de sofrimento.
- MARIA *(Decepcionada.)* - De sofrimento?!
- MENINO Não, de sofrimento, não. De angústia.
- MARIA De angústia?!

MENINO Não sei, Maria. É um rosto que está pronto pra tomar uma decisão.

MARIA *(Enfadada.)* - Que decisão...?

MENINO A decisão de noivar, esqueceu?

MARIA Mas pode ser uma decisão contrária, esqueceu?

MENINO *(Com excessiva segurança.)* - Não é uma decisão contrária.

MARIA Como é que você sabe?

MENINO Eu sei.

MARIA Eu sei não basta. Ele pode estar em dúvida.

MENINO Ele não está em dúvida, Maria.

MARIA Ele pode ter tomado a decisão de vir aqui só pra me dizer: Maria, não vou mais ser seu noivo.

MENINO Não é verdade.

MARIA Você que diz.

MENINO Está claro que ele vai noivar. Ele se comporta como se já fosse noivo.

MARIA E como é se comportar como se fosse noivo?

MENINO Ele leva as mãos nos bolsos enquanto fala. *(Imita.)* Assim.

MARIA Ah, é?!

MENINO É. E, enquanto fala, ele olha pra cá, depois olha para o chão, depois olha pra cá, depois olha para o chão...

MARIA *(Pensativa.)* - Então, há mais alguém com ele?

MENINO É. Os irmãos.

MARIA Todos?

MENINO Não, menos um, que chegou depois.

MARIA Então, estão todos.

MENINO Agora sim.

MARIA E o que fazem?

MENINO Olham.

MARIA (*Impaciente.*) - Pra onde?

MENINO Pra cá, ora!

MARIA Todos olhando pra cá...

MENINO Todos, mas só o moço Lopez traz as mãos nos bolsos.

MARIA Estou com medo.

MENINO O de bigodes grandes é o que mais olha.

MARIA É o irmão mais velho. Tenho medo dele quando me olha. E sempre me olha. Toda.

MENINO Dizem que foi ele mesmo que matou o cunhado.

MARIA Você fala assim, me dá calafrios!

MENINO Mas ele matou mesmo o cunhado, só porque fez o que fez com a irmã dele.

MARIA Mas não precisa falar desse jeito, como se a morte fosse necessária.

MENINO Dizem que em alguns casos só a morte resolve.

MARIA Acho que basta vir o noivo.

MENINO A família é unida. Vem todo mundo.

MARIA Não vou querer que entrem. Só o moço Lopez.

- MENINO *(Aproxima-se dela, provocativo.)* - Eu fico com você.
- MARIA *(Afasta-se. Nervosa.)* - Não! É melhor você ir embora.
- MENINO *(Emburrado.)* - Então, já vou.
- MARIA Não! *(Angustuada.)* Mas será que ele vem mesmo?!
- MENINO Com certeza.
- MARIA Essa sua certeza me assusta. Você fala como se fosse um adivinho.
- MENINO Com certeza que vem. Eu sei das coisas.
- MARIA Ele quase sempre vinha a essa hora, ao entardecer. É a hora mágica. A hora dos sonhos. Engraçado. Eu não penso nunca no casamento. Não consigo ver o casamento. Fica uma imagem desfocada, fugidia. Agora, o amor não. É uma imagem clara, intensa. Está em todo lugar. É sopro, é vida. Pra ver o casamento, eu tenho que me colocar numa posição certa, bem definida. O amor, não. Em pé, deitada, deste lado, em qualquer posição, o amor é o mesmo. Ah, você ainda é criança pra entender dessas coisas.
- MENINO Já fiz dezesseis anos, não sou mais nenhuma criança.
- MARIA Dezesseis? Não acredito.
- MENINO É verdade.
- MARIA Dezesseis anos... é quando os meninos começam a desabrochar.
- MENINO *(Fanfarrão.)* - Eu já desabrochei.
- MARIA *(Rindo.)* - Então, fique longe de mim! *(Breve silêncio.)*
- MENINO *(Encabulado.)* - Você é a mulher mais bonita que eu vou ver em toda minha vida.
- MARIA Deixa de gracinhas.

MENINO Impossível mulher mais bonita, todos dizem isso.

MARIA Pare com esse atrevimento.

MENINO E dizem umas outras coisas também.

MARIA Não quero ouvir! Vai ao portão e me diz o que acontece na esquina. (*Menino fica parado, olhando para ela.*) Vai! Vai ver como está o moço Lopez!

MENINO (*Saindo.*) - Já volto.

MARIA (*Posicionando-se junto à porta. Pausa.*) - Pode vê-lo?

MENINO (*De fora, após breve silêncio.*) - Sim!

MARIA O que faz?

MENINO Olha.

MARIA Como ele está vestido?

MENINO Camisa branca.

MARIA Camisa branca?

MENINO E botas de couro preto.

MARIA Botas de couro? Ai, meu Deus! Então, ele vem mesmo! Preciso enfeitar meus cabelos!

MENINO Ele gesticula.

MARIA Será que meus olhos estão alegres?

MENINO Levantou um dos braços.

MARIA Eu deveria cheirar a jasmim...!

MENINO Deu um passo à frente.

MARIA Não, a rosas.

MENINO Recuou.

- MARIA Qual o cheiro mais perfumado?
- MENINO Os irmãos se reúnem.
- MARIA (*Feliz.*) - Eu não posso mostrar tanta felicidade.
- MENINO Os irmãos estão descendo a rua.
- MARIA Mas como me controlar?
- MENINO O moço Lopez está olhando pra cá, Maria! Parece agitado.
- MARIA O que eu tenho que fazer quando ele me pedir em noivado?
- MENINO Ele tirou as mãos dos bolsos, Maria!
- MARIA Sorrir? Ficar séria? Ai, meu Deus, eu estou nervosa!
- MENINO Ele tirou as mãos dos bolsos, Maria!
- MARIA Como é que eu vou esconder tanta felicidade!
- MENINO (*Entrando.*) - Eles estão chegando.
- MARIA O moço Lopez?
- MENINO Os irmãos.
- MARIA E eu assim, toda... Ai, meus cabelos! Eles precisam de fitas coloridas! (*Vai saindo.*)
- MENINO (*Agitado.*) - Maria!
- MARIA (*Não ouvindo. Sai.*) - Se pudesse, eu correria até o portão.
- MENINO (*Maldoso.*) - Você não vai precisar correr até o portão, Maria. O moço Lopez está subindo a rua. (*Grita.*) Maria, o moço Lopez está subindo a rua! Ele não vem, Maria!
- DONA FERNANDA (*Vindo da cozinha, traz algumas bandejas.*) - Que

história é essa de ir ao portão? (*Parando.*) Que faz aqui ainda esse pirralho fedorento?

MENINO

Minha avó tinha razão. Ela sempre disse. O moço Lopez não vai se casar com Maria. Os irmãos não vão deixar. (*Saindo.*) Ouviu, Maria! Os irmãos não vão deixar!

DONA FERNANDA

Vai pro inferno, menino dos diabos! (*Maria entra, traz fitas nos cabelos. Para Maria.*) Eu falei pra você não dar ouvidos pra esse menino. Ele ainda vai acabar atrapalhando o seu noivado. (*Sai.*)

MARIA

Que noivado, mamãe? Que noivado!?! (*Vai até a janela e põe-se a observar. Arranca as fitas coloridas dos cabelos.*)

ENTREATO

CENA I

- LORCA *(Satisfeito, bate palmas.)* - Muito bom, dona Fernanda. Gostei. Ótimo! Terminamos o primeiro ato. Agora vamos preparar a mesa da cozinha pro segundo ato. *(Abraçando dona Fernanda.)* Dona Fernanda, foi ótimo, a senhora está muito verdadeira, mas tem uma coisa. A senhora tem que ser mais impositiva quando fala com Maria.
- DONA FERNANDA *(Reage.)* - Não vou brigar com Maria! Não adianta.
- LORCA E quem é que está pedindo pra senhora brigar?
- DONA FERNANDA O senhor!
- LORCA Eu só estou tentando dizer que mãe tem que ser dura com a filha quando é preciso.
- DONA FERNANDA O senhor que me desculpe, mas eu não consigo. Se quiser, arranja outra mãe.
- LORCA *(Impaciente.)* - Não vamos brigar por causa disso. Mas não custa nada ser um pouco mais impositiva. *(Percebendo Maria.)* Maria! O primeiro ato já acabou. Ah, Maria, como eu gostaria de fazer você feliz!
- MARIA Eu não agüento mais ficar esperando o moço Lopez. Ele vem ou não vem?

- LORCA Calma! Ainda não é a hora. (*Estende a mão para Maria, reanima-se.*) Vamos, Maria... Você estava ótima! (*Lembrando-se dos outros.*) Ah! Todos estavam ótimos. Todos vocês. Sabe até o que me deu vontade de comer? Uns pasteizinhos de nata!
- DONA FERNANDA (*Lisonjeada.*) - É pra já, seu Lorca! Tem churros também.
- LORCA Quentinhos?
- DONA FERNANDA Acabei de tirar do fogo!
- LORCA Sempre gostei de doces, dona Fernanda. Me lembram minha mãe, minha infância, quando sentávamos na varanda, à noite...
- DONA FERNANDA Credo, o senhor fala como se fosse um velho.
- LORCA Às vezes, tenho a impressão de que vivi um século. De que sou eterno.
- DONA FERNANDA Alguma coisa está preocupando o senhor, não é?
- LORCA Sim, dona Fernanda, as coisas não andam lá muito boas. Me dá vontade de sentar e chorar.
- DONA FERNANDA Faz isso, filho, senta e chora. Faz bem, espanta a tristeza.
- DONA INÁCIA E as culpas também.
- LORCA Esse pastel está uma delícia.
- DONA FERNANDA O senhor tem a mesma tristeza de Maria, minha filha. Ah, seu Lorca, ando tão preocupada com ela. Se meteu aí com um moço, mas coitada, as coisas são tão difíceis.
- LORCA (*Reage. Levanta-se.*) - Não é só pra sua filha que as coisas andam difíceis não, dona Fernanda!
- ESPERANZA (*Ouvem-se barulhos de passos subindo a escada. Tumulto. Entra, agoniada.*) - Vieram aqui dois

- homens, Federico!
- LORCA Quem eram?
- ESPERANZA Não disseram. Queriam revistar a casa. Ainda bem que minha mãe não abriu a porta.
- LORCA Então sabem que estou aqui!
- ESPERANZA Não sei se sabem. Mas desconfiam.
- LORCA E agora, Esperanza?
- ESPERANZA *(Temerosa.)* - Você tem que ir embora, o mais rápido possível, Federico! *(As personagens reagem, insatisfeitas com a intromissão de Esperanza.)*
- LORCA Como?!
- ESPERANZA Eu vou chamar meu pai. Ele saberá o que fazer.
- LORCA E seus irmãos?
- ESPERANZA O Luiz não chegou até agora, não sei onde está. E o Geraldo saiu com José. Foram fazer uma escolta. Parece que Granada caiu de vez nas mãos dos revolucionários, Federico! Os republicanos estão fugindo. Os que podem.
- LORCA *(Aflito.)* - O que vai ser de mim, Esperanza?
- DONA FERNANDA *(Nervosa com a situação.)* - E de Maria? O que vai ser de Maria? Todo dia esperando por esse moço que não vem!
- ESPERANZA É melhor ir arrumando suas coisas... *(Hesita, depois se dirige ao armário, abre-o, verifica os pertences de Lorca, pega sua mala.)*
- DONA INÁCIA O senhor não ouviu, não, o que dona Fernanda perguntou?
- LORCA *(Baixinho, impaciente, começa a caminhar, agitado, em redor. As personagens perseguem-no, insistentes.)*

- Ouvi!

- DONA FERNANDA Até quando Maria vai ficar esperando por esse moço, seu Lorca?
- DONA INÁCIA Que não ata nem desata. Um banana!
- DONA FERNANDA Se acha que Maria não serve pra ele, então por que não diz logo?
- DONA INÁCIA Em vez de ficar empatando a menina. Iludindo a pobre coitada. Se já não se aproveitou.
- ESPERANZA *(Diante da mala, e de alguns pertences, roupas, objetos pessoais e vários livros. Está confusa.)* - Nem sei se você vai precisar levar isso tudo, Federico. Levar isso agora pra quê?
- LORCA *(Pega um livro e vai até a janela, sempre perseguido pelas personagens.)* - Esse livro eu quero levar. É meu primeiro livro de poesias.
- DONA FERNANDA Eu não entendo... Se o rapaz é caidinho por ela... É só ver os olhos dele! Brilham quando veem Maria.
- DONA INÁCIA Brilho nos olhos não põe aliança no dedo. *(Provocativa.)* Não é, senhor Lorca?
- DONA FERNANDA *(Voz firme.)* - Afinal, seu Lorca. Esse moço vem ou não vem pedir o noivado?
- LORCA *(Alterado, para.)* - Chega!
- ESPERANZA *(Arrumando as coisas, volta-se.)* - O que foi, Federico?
- LORCA *(Disfarçando, enquanto censura dona Inácia com o olhar.)* - Nada. Nada não.
- DONA INÁCIA *(Para dona Fernanda, falando de Lorca.)* – Já vi tudo. Daí não vai sair nada.
- ESPERANZA Ainda bem que você não trouxe muita coisa. Está quase tudo pronto. Pelo menos, se você não levar, fica aí. *(Cautelosa.)* Vou procurar meu pai, já volto.

- LORCA *(Nervoso.)* - E se quando você voltar, eu não estiver mais aqui?
- ESPERANZA Lógico que você vai estar! Você só tem que ficar aí, quietinho!
- LORCA Tenho a impressão de que algo vai dar errado.
- ESPERANZA Pare com isso! Nada vai dar errado. Já está escurecendo, logo vamos tirar você daqui. *(Séria.)* Não se aproxime da janela! *(Sai.)*
- LORCA *(Começa a folhear os papéis. Está nitidamente abatido, mas excitado. Bate palmas, forte, enquanto dona Fernanda começa a preparar a mesa.)* - Vamos começar o segundo ato. *(Olha em volta.)* Menino... Dona Fernanda... Maria... Onde está dona Inácia?
- DONA INÁCIA *(Demonstrando má vontade.)* - Estou aqui a postos, preparando a massa dos pastéis, enquanto espero.
- LORCA Já vamos começar, dona Inácia, não precisa ficar irritada.
- DONA INÁCIA Os irmãos do moço Lopez estiveram aqui hoje. Dona Fernanda, a senhora não vai falar nada não?
- DONA FERNANDA É.
- DONA INÁCIA *(Irritada.)* - É o que, dona Fernanda?
- DONA FERNANDA *(Insegura.)* - Eles foram muitos gentis comigo.
- DONA INÁCIA Gentis? Eles ameaçaram a dona Fernanda, seu Lorca!
- DONA FERNANDA Eles não me ameaçaram.
- DONA INÁCIA Vieram os três irmãos. Pra não ter dúvida. Não querem que Maria se meta com o irmão mais novo. Açam que Maria está enfeitando o rapaz. E vai ver, está mesmo. Disseram que ela não presta pra ele. E foram muito claros. Não querem saber de noivado.
- LORCA E o que é que a senhora quer que eu faça?

- DONA INÁCIA É pra nós que o senhor vem perguntar? Quem é o autor?
- DONA FERNANDA (*Desespera-se.*) - E estou com medo, seu Lorca. Eu acho que é melhor o senhor encontrar outra mãe para Maria.
- LORCA (*Irrita-se.*) - Antes de se preocupar, dona Fernanda, espere pra ver o que vai acontecer! (*Dirigindo-se a todos, um tanto irritado.*) Podemos começar o segundo ato?
- DONA INÁCIA A Altiva ainda não chegou.
- LORCA Deve estar chegando. (*Ouve-se barulho de porta sendo aberta e fechada.*)
- DONA INÁCIA Chegou.

ATO II**CENA I**

- DONA INÁCIA *(Altiva entrando.)* - Até que enfim, Altiva.
- ALTIVA *(Dirigindo-se para a cozinha.)* - Desculpe-me pela demora. É que eu fui dar uma voltinha na praça, pra ver como está a festa.
- DONA FERNANDA Já começou?
- ALTIVA Ainda não, dona Fernanda.
- DONA INÁCIA O sol nem se pôs.
- ALTIVA Como está quente aqui!
- DONA FERNANDA A cozinha é mais quente que a sala e os quartos.
- ALTIVA É porque a janela é pequena.
- DONA INÁCIA A cozinha tinha que ser o lugar mais fresco da casa.
- ALTIVA Essa cozinha lembra a cozinha da minha antiga casa. Nossa cozinha dava pra um jardim todo florido. Rosas, jasmims. Ninguém sabia cultivar rosas melhor que meu pai!
- DONA FERNANDA Hoje você está bem alegre, hein, Altiva!
- ALTIVA É. Não sou mesmo de falar muito.

- DONA INÁCIA Faz bem. Quanto menos se fala, menos besteira se diz.
- ALTIVA Os folheados ficaram bonitos.
- DONA INÁCIA Parecem folhas secas ao vento.
- ALTIVA Só mesmo dona Fernanda pra fazer esse milagre.
- DONA FERNANDA Olha que horas são! Já devem estar vindo buscar os doces e ainda nem terminamos.
- DONA INÁCIA Festa nunca começa na hora.
- ALTIVA É verdade, costuma atrasar.
- DONA FERNANDA Altiva, não imagina como estou grata por ter vindo nos ajudar.
- ALTIVA Eu que agradeço. Pelo menos, assim fico mais perto dos doces. *(Ri.)* E também é bom sair um pouco. Ultimamente, tenho ficado muito em casa.
- DONA INÁCIA *(Insinuando.)* - Fazer o que na rua.
- DONA FERNANDA Lá isso é verdade.
- ALTIVA Da rua pouca coisa se aproveita, não é o que dizem?
- DONA INÁCIA Só o que não presta.
- DONA FERNANDA Mas também ficar todo tempo em casa, dá uma solidão.
- ALTIVA Depois que mamãe adoeceu, tenho-me sentido muito só.
- DONA INÁCIA A senhora devia ter-se casado.
- ALTIVA Bem que tentei, mas o destino não quis.
- DONA INÁCIA *(Maldosa.)* - A senhora quer dizer os... homens.
- ALTIVA É... Nenhum homem me quis.
- LORCA Altiva! Seja mais amargurada. A senhora é uma

solteirona. Uma mulher que nunca sequer foi beijada por um homem. A senhora tem que trazer essa amargura na voz. Como se fosse uma desgraça.

- DONA INÁCIA E lá é desgraça, senhor Lorca, uma mulher não ser beijada por um homem?
- LORCA É quase uma desgraça, dona Inácia, quase!
- DONA INÁCIA O senhor está invertendo os valores.
- ALTIVA Eu não sou amargurada.
- LORCA *(Irritado.)* - Mas pelo menos entristeça um pouco a voz!
- DONA INÁCIA O que está acontecendo com o senhor? Por que essa raiva toda?
- LORCA Vamos! Recomece a fala, dona Inácia.
- DONA INÁCIA *(Contrariada.)* - A senhora quer dizer... os homens.
- ALTIVA *(Forçando a voz.)* - É. Nenhum homem me quis.
- DONA FERNANDA Que é isso! Ainda há tempo pra senhora arranjar alguém.
- ALTIVA Bem que eu gostaria, dona Fernanda. Mas ninguém me quer.
- DONA FERNANDA *(Contemporiza.)* - Há mulheres que não nasceram pra casar, Altiva. *(Séria.)* E acho que Maria é uma delas.
- ALTIVA Pelo menos, Maria é bonita.
- DONA INÁCIA Mas ali... nem beleza parece que resolve.
- ALTIVA Se pelo menos eu fosse uma mulher bonita.
- DONA INÁCIA Me passa o leite, dona Fernanda.
- DONA FERNANDA Os pastéis de nata estão prontos. Graças a Deus!

- ALTIVA As bandejas ficaram bonitas.
- DONA FERNANDA Os churros também estão prontos. É bom não cobrir, pra não murcharem. Com o calor que está, é capaz de perderem o ânimo.
- ALTIVA Os doces de dona Fernanda mais uma vez vão fazer sucesso na festa. Tenho certeza!
- DONA INÁCIA *(Vendo que Altiva está comendo.)* - Se sobrar alguma coisa.
- DONA FERNANDA Onde está Maria? Saiu pra pegar o polvilho e ainda não voltou. *(Ouve-se batida de porta e certo alvoroço.)*
- ALTIVA Ouvi batida de porta.
- DONA FERNANDA Deve ser aquele pirralho fedorento. *(Lorca vai até a janela. Espia, está preocupado. Ouvem-se gritos e barulho de carro.)*
- MARIA *(Passa correndo em direção à porta.)* - Deixa que eu atendo!
- ALTIVA Esse menino parece cachorro, só vive na rua.
- DONA FERNANDA Um leva e traz, feito a avó.
- DONA INÁCIA Não acho. As Ramires são mulheres decentes.
- DONA FERNANDA Mas a decência não precisava ser tão bisbilhoteira.
- DONA INÁCIA As pessoas só dizem o que enxergam, dona Fernanda.
- DONA FERNANDA Maria está muito inquieta hoje.
- LORCA *(Grita, impaciente.)* - Mais preocupação na voz!
- DONA FERNANDA *(Apressa-se.)* - Maria está muito inquieta hoje! *(Maria passando de volta, escondendo o bilhete que traz à mão.)* Mariia!
- MARIA Já volto, mamãe!

- DONA INÁCIA E alegre demais.
- DONA FERNANDA Há dias que não a vejo assim.
- DONA INÁCIA Não sei onde arranja tanta alegria.
- ALTIVA Será que o moço Lopez mandou algum recado?
- DONA INÁCIA Ali tem coisa, você devia vigiar.
- DONA FERNANDA Ela sabe o que faz.
- DONA INÁCIA Quanto menos autoridade, mais cresce a safadeza.
- DONA FERNANDA Que exagero, Inácia!
- DONA INÁCIA Sabemos muito bem até onde Maria pode ir.
- DONA FERNANDA Às vezes acho que Maria devia deixar esse moço de lado. Ele não se decide!
- DONA INÁCIA A família é que não quer o casamento.
- ALTIVA Mas, se ela gosta dele, tem que tentar. Não é, dona Fernanda?
- DONA FERNANDA Eu não falo mais nada.
- DONA INÁCIA O que ela não pode é ficar indo atrás do rapaz, como se fosse uma dessas...
- ALTIVA Vagabundas!
- DONA INÁCIA ... levianas.
- ALTIVA Hoje me arrependo de não ter sido um pouco afoita. Tem homem, dona Inácia, que só se pega no laço.
- DONA INÁCIA O que é isso, Altiva?
- ALTIVA Me arrependo, sim! Acho que um pouquinho de safadeza não faz mal a ninguém.
- DONA FERNANDA (*Animando-se.*) - Ah, nisso a senhora tem razão!

- ALTIVA E se for safadeza entre quatro paredes, aí é que deve ser bom!
- DONA INÁCIA Cala essa boca, Altiva.
- DONA FERNANDA Deixa ela falar, dona Inácia.
- ALTIVA *(Não dando ouvidos à dona Inácia.)* - Olha! Eu conheço mulher casada que uiva!
- DONA FERNANDA *(Gargalha.)* - Essa é boa!
- DONA INÁCIA Que absurdo.
- ALTIVA A Flores me contou.
- DONA INÁCIA Altiva!
- ALTIVA Ora, dona Inácia!
- DONA FERNANDA *(Rindo.)* - E é verdade!
- DONA INÁCIA Mas não precisa ser dita.
- DONA FERNANDA Meu marido, que Deus o tenha, era muito sério, não era, dona Inácia?
- DONA INÁCIA Na nossa frente, ele era.
- DONA FERNANDA Mas, depois de uns bons copos de vinho, de vez em quando, ele se soltava. Uma vez, me lembro bem, ele chegou com mais força que o costume. Ai, meu Deus! Bem naquela hora, me beijou a testa. Depois, a ponta do nariz. Depois, o pescoço. *(Ri.)* Me deu uns arrepios! E comecei a sentir tanta cócega, que desandei a rir. E ria, e ria, sem parar.
- ALTIVA *(Curiosa.)* - E aí, dona Fernanda?
- DONA FERNANDA Dá até vergonha de falar.
- DONA INÁCIA A senhora não uivou, não?
- DONA FERNANDA *(Faz o sinal da cruz.)* - Cruz-credo!

- DONA INÁCIA Devia uivar. De vergonha!
- ALTIVA *(Insinuativa, para dona Inácia.)* - E a senhora, dona Inácia?
- DONA INÁCIA Eu?
- ALTIVA Fico imaginando a senhora casada...
- DONA INÁCIA *(Seca.)* - Não há nada o que imaginar.
- ALTIVA Nem uma coceguinha...?
- DONA INÁCIA Não.
- ALTIVA Um... um gritinho?
- DONA INÁCIA Já chega! *(Voltando-se para Lorca, reclamando, em tom de censura.)* Ah, seu Lorca!
- DONA FERNANDA E a senhora, Altiva?
- ALTIVA *(Desconversando.)* - Será que Maria vai à festa? Estou curiosa.
- DONA FERNANDA Só se o moço Lopez convidar.
- LORCA *(Caminhando agitado para a cozinha.)* - Dona Fernanda! Ouça! *(Irritado.)* Maria só irá à festa se o moço Lopes convidar. Está decidido! Agora, transmita essa decisão na voz, dona Fernanda. Recomece!
- DONA FERNANDA *(Desanimada.)* - Não sei fazer isso, não.
- LORCA Pelo menos tente.
- DONA FERNANDA O senhor não quer um pastelzinho de nata?
- LORCA Não, obrigado. Já comi três.
- DONA FERNANDA Mais um?
- LORCA Não! Recomece. Por favor!

- DONA FERNANDA *(Olha para Altiva, meio atarantada.)*
- ALTIVA *(Apressa-se.)* - Será que Maria vai à festa?
- DONA FERNANDA *(Emposta a voz, de maneira cômica, depois olha para Lorca, na expectativa.)* - Só se o moço Lopez convidar!
- LORCA *(Desanimado.)* - Continue, dona Inácia.
- DONA INÁCIA E ele não convidou?
- DONA FERNANDA Não sei se convidou.
- ALTIVA Maria é tão bonita. Aqueles cabelos... Às vezes, sinto inveja. *(Pensativa.)* Não entendo... Maria é tão bonita, tão inteligente... bastava ir às festas e surgiriam homens de todos os lados, aos montes. Lindos, ricos, homens até de Madri! E ela poderia escolher quem quisesse. Apontar e dizer: *(sensualmente, reprimida.)* é você!
- DONA INÁCIA Para de dizer tolices, Altiva.
- ALTIVA Eu não entendo essa dificuldade que Maria tem com os homens.
- DONA INÁCIA Não é mais virgem. Eis o problema.
- DONA FERNANDA Não foi culpa dela.
- DONA INÁCIA O pecado foi de quem, então?
- DONA FERNANDA Se Alonso não tivesse morrido afogado, tudo teria sido diferente. Estariam casados.
- DONA INÁCIA Mas acontece que ele morreu. E deixou Maria com um filho na barriga.
- DONA FERNANDA Nunca vi um moço tão apaixonado. Rapaz bom e trabalhador. E tinha dotes.
- DONA INÁCIA Elogiar morto é fácil.

- DONA FERNANDA Mas ele era mesmo um bom rapaz. Veio pedir Maria em noivado.
- DONA INÁCIA Maria noivou? Não soube.
- ALTIVA Nem eu!
- DONA FERNANDA Maria e Alonso noivaram, sim. Na minha presença.
- DONA INÁCIA Que noivado é esse que ninguém ficou sabendo?
- DONA FERNANDA (*Retratando-se.*) - Não foi bem um noivado...
- DONA INÁCIA Então, não noivou coisa nenhuma.
- DONA FERNANDA Ia noivar se não tivesse morrido.
- DONA INÁCIA Se, dona Fernanda, se!
- ALTIVA Será que ele soube do filho?
- DONA FERNANDA (*Irritada.*) - Não!
- ALTIVA Ainda bem que a criança nasceu morta.
- DONA FERNANDA Deus sabe o que faz. Graças a Deus!
- ALTIVA E aquele rapazote, (*Fingindo se lembrar do nome.*) É... Pedro! Que fim deu?
- DONA FERNANDA Nunca mais ouvimos falar dele.
- ALTIVA Maria era apaixonada por ele, me lembro bem.
- DONA FERNANDA Amor bobo, de adolescência.
- DONA INÁCIA Era um rapaz à toa. Tanto que acabou sumindo, sem mais nem por quê.
- ALTIVA Era muito simpático. Divertido. E bonito!
- DONA INÁCIA Sempre com aquela viola cheirando a sovaco, procurando um portão onde se engraçar, isso sim.
- DONA FERNANDA Era a idade.

ALTIVA *(Concordando com dona Inácia.)* - Era meio safadinho...

DONA INÁCIA Maria que o diga.

DONA FERNANDA Vocês também colocam maldade em tudo!

CENA II

MARIA *(Entrando.)* - Cheguei!

DONA INÁCIA Sabemos que você chegou.

DONA FERNANDA Onde você esteve, Maria?

ALTIVA Como está bonita!

MARIA Estou?

ALTIVA Vem cá, me dá um beijo.

DONA FERNANDA Esteve penteando os cabelos, Maria?

MARIA Estive, mamãe.

ALTIVA Estão lindos!

DONA INÁCIA Pelo que vejo, bons motivos há.

MARIA *(Ríspida.)* - Por que haveria?

DONA FERNANDA Esses são modos de falar, minha filha!

DONA INÁCIA Deixa, dona Fernanda. Não é agora que há de ter conserto.

ALTIVA *(Curiosa.)* - Você vai à festa... Adivinhei?

DONA FERNANDA Maria, onde está o polvilho?

- MARIA Meu Deus, o polvilho!
- DONA FERNANDA *(Enquanto Maria sai correndo.)* - O que está acontecendo com essa menina?
- ALTIVA Pelo jeito, vai à festa. *(Excitada.)* O moço Lopez convidou, tenho certeza!
- DONA FERNANDA Conheço Maria. Algo a está fazendo muito feliz.
- DONA INÁCIA Vi o moço Lopez na igreja hoje.
- ALTIVA Dizem que vai todo dia à igreja, é verdade?
- DONA INÁCIA Nunca vi esse moço rezar tanto.
- ALTIVA Por que será?
- DONA INÁCIA Tanta devoção assim de repente, pra mim algum pecado há.
- ALTIVA Eu vi o moço Lopez ontem. Achei ele abatido.
- DONA INÁCIA Nem a barba apara mais.
- DONA FERNANDA *(Desconversando.)* - Essa gente dos Lopez é chegada a uma reza.
- DONA INÁCIA Gostam também é de uma confusãozinha.
- ALTIVA Dizem que o irmão mais velho matou o cunhado, é verdade?
- MARIA *(Entrando.)* - Aqui está o polvilho!
- DONA FERNANDA *(Não conseguindo ser autoritária.)* - Maria! O moço Lopez convidou você pra festa?
- LORCA Dona Fernanda! Autoridade!
- DONA FERNANDA *(Prepara-se para repetir. Há nela um certo nervosismo.)* - Maria, olha pra mim. O moço Lopez convidou você pra festa?

- MARIA Não, mamãe.
- DONA FERNANDA (*Decepcionada.*) - Não?
- MARIA Não.
- DONA INÁCIA E por que essa alegria toda então?
- MARIA (*Ironizando.*) - Eu estou alegre, madrinha?
- DONA FERNANDA Mariia!
- MARIA Ah, sim, estou alegre. Achei um brinco que havia perdido há mais de um ano. Olhe! (*Mostra os brincos nas orelhas e sai.*)
- DONA FERNANDA Aonde você vai, Maria?
- MARIA Já volto.
- DONA FERNANDA Precisamos de você! Os doces já deviam estar prontos.
- MARIA (*Vai para a sala, abre um bilhete, está feliz e inquieta. Preocupa-se com a porta.*)
- DONA INÁCIA Eu sei por que o moço Lopez reza tanto.
- ALTIVA Por que, dona Inácia?
- DONA INÁCIA Não seja tonta, Altiva. Só Deus mesmo pra iluminar o rapaz na sua decisão. Só Deus, e mais ninguém, pode fazê-lo querer o noivado.

CENA III

- MARIA (*Correndo até a porta.*) - Quem bate?
- MENINO É o moço Lopez.

- MARIA (Abrindo a porta.) - Não seja engraçadinho.
- MENINO Se não fosse ele, quem mais poderia ser?
- MARIA Ora, quem. Algum menino atrevido, com a língua inchada de tanto dizer asneiras.
- MENINO Se não é um, só pode ser o... outro!
- MARIA E aí, tem notícias? Diga!
- MENINO Calma, Maria! Acabei de chegar da festa.
- MARIA A festa já começou?
- MENINO Ainda não, mas já está cheia de gente.
- MARIA Se está cheia de gente, então começou.
- MENINO Pra mim só começa quando chegam os palhaços. A entrada do circo é que vai abrir a festa. E também nem vieram ainda pegar os doces da dona Fernanda.
- MARIA Não fica aí em pé feito um tonto. Diz!
- MENINO Falei com ele.
- MARIA E o que ele disse...?
- MENINO O que tinha dito antes. Que estará esperando você na festa.
- MARIA Sim, eu sei. Você disse pra ele que eu vou?
- MENINO Eu disse, mas ele não acreditou.
- MARIA Como ele não acreditou?
- MENINO Não sei. Respirou fundo, cruzou os braços, mexeu o pé esquerdo e disse que não podia ter certeza de que você iria mesmo. (Silêncio.) E disse outra coisa.
- MARIA O quê?

MENINO Desta vez, ele mandou dizer que te ama.

MARIA Não acredito.

MENINO É verdade.

MARIA Você é mentiroso. Trapaceiro. Não acredito em você.

MENINO *(Fingindo desistir.)* - Tudo bem...

MARIA *(Insegura.)* - Ele disse...

MENINO *(Apressa-se.)* - É verdade, das mais verdadeiras!

MARIA *(Pensativa.)* - Mas o Pedro...! Ele nunca foi de mandar recado... Viria pessoalmente... Será que Pedro mudou tanto assim?

MENINO Sim... Sim! *(Sério.)* Sim, ele mudou.

MARIA Como você sabe?

MENINO Você está dizendo.

MARIA *(Ainda pensativa.)* - Pode ter mudado. Faz tanto tempo que foi embora. Quase sete anos. Me lembro quando partiu. Vestia camisa vermelha. E calças escuras.

MENINO Ele ainda te ama, tenho certeza.

MARIA Só porque ele disse.

MENINO Não, não foi só porque ele disse.

MARIA Ah, esqueci que você é adivinho. Diz então por quê?

MENINO Porque, quando ele fala de você, ele esfrega as mãos.

MARIA *(Admirada.)* - Ahn!

MENINO Ele esfrega as mãos, e os olhos brilham.

MARIA *(Jocosa.)* - Brilham como o quê?

MENINO *(Sério)* - Como vidro.

MARIA E lá vidro brilha!

MENINO Não! Quero dizer... como cristal.

MARIA E você sabe se eu amo Pedro?

MENINO Não, não sei.

MARIA Você sabe se eu amo o moço Lopez?

MENINO Não... não sei.

MARIA Você não sabe se eu amo?

MENINO *(Encabulado.)* - Não, não sei!

MARIA Então, você não é adivinho.

MENINO Você confunde a cabeça da gente.

MARIA Ah, é?!

MENINO Quando falam de você, fico confuso. Mas agora eu tenho certeza. Você ama Pedro.

MARIA Não, eu amo o moço Lopez.

MENINO Bem..., nesse caso, vou dizer a Pedro que você ama outro.

MARIA Calma! Estou brincando. Eu amo alguém, mas você não precisa saber quem é.

MENINO Vai ou não vai à festa?

MARIA Vou, já disse!

MENINO Ele escreveu bilhete e quer que você responda com outro bilhete.

DONA FERNANDA *(Gritando da cozinha.)* - Mariia!

MARIA Minha mãe está chamando.

MENINO Ele só aceita bilhete.

- MARIA Eu sei. (*Confusa.*) Vou escrever.
- MENINO Ele quer que você diga no bilhete que ainda o ama.
- DONA FERNANDA Mariia!
- MARIA É minha mãe, tenho que ir. (*Grita.*) Estou indo! Pedro voltou tão exigente! (*Rindo.*) Daqui a meia hora você volta. Não. Quinze minutos. Dá uma batidinha na porta. Uma só, de leve. Daqui a pouco, está bem?
- MENINO (*Saindo.*) - Tem que ser um bilhete com tudo escrito.
- MARIA Vai, vai! Já ouvi!
- DONA FERNANDA Mariia!
- MARIA (*Entre dengosa e irritada.*) - Já vou, mamãe! Já vou!

CENA XII

- DONA FERNANDA Mariia!
- MARIA (*Entrando na cozinha.*) - Está me chamando?
- DONA FERNANDA Há muito tempo.
- DONA INÁCIA A cabeça dessa menina não anda encima do pescoço.
- DONA FERNANDA Onde é que você esteve?
- MARIA Na sala.
- DONA INÁCIA Foi ao portão.
- MARIA Não fui ao portão, madrinha, mas quando for, a senhora será a primeira a saber.
- DONA FERNANDA Que modos, Maria! Me ajuda com esses doces, vamos!

Estamos atrasadas. Arruma os *turróns*. Assim. Sem inventar.

- ALTIVA Esses *turróns* estão me dando água na boca.
- DONA INÁCIA Ficaram ótimos.
- ALTIVA Amêndoas, castanhas e avelãs, banhadas em mel, há combinação mais perfeita?
- MARIA E os pudins, mamãe?
- DONA INÁCIA É melhor tirar daqui esses biscoitos de laranja. Desse jeito, não se consegue trabalhar.
- MARIA *(Apressando-se em não deixar Altiva pegar a bandeja.)* - Deixa Altiva, eu coloco ali.
- ALTIVA Dizem que o circo é um luxo só. É de Madri.
- MARIA *(Para Altiva.)* - Como estão meus cabelos?
- ALTIVA Lindos.
- MARIA *(Exagerando a postura.)* - E meus olhos?
- ALTIVA *(Falseando a voz.)* - Brilhando.
- DONA INÁCIA De onde será que vem esse... brilho.
- MARIA *(Afrontando.)* - A senhora poderia adivinhar, madrinha?
- DONA FERNANDA Minha filha, você não nos diz nada!
- MARIA O que a senhora quer saber?
- DONA INÁCIA O que você nos esconde.
- ALTIVA Você está com jeito de quem vai à festa. Acertei?
- DONA FERNANDA Estou preocupada, minha filha. *(Lorca faz um gesto de impaciência.)*

- MARIA Vou sim. Fui convidada.
- DONA FERNANDA (*Exultante.*) - Mariia!
- DONA INÁCIA Pra festa?
- ALTIVA Pra festa, Maria?!
- DONA FERNANDA O moço Lopez...
- ALTIVA (*Abraçando-a.*) - Oh, Maria, finalmente!
- DONA FERNANDA (*Unindo as mãos aos céus.*) - Graças a Deus!
- DONA INÁCIA Até que enfim o coitado se desgarrou daquela igreja.
- DONA FERNANDA (*Abraçando Maria.*) - As orações lhe valeram. Deus o iluminou, tomou a decisão certa.
- DONA INÁCIA Não vimos o moço Lopez.
- ALTIVA Ele esteve aqui?
- MARIA (*Pausa tensa.*) - Não. Ele... ele mandou um bilhete.
- DONA INÁCIA Podemos ver?
- MARIA (*Recuperando-se do momento de indecisão.*) - Não! Rasguei.
- DONA INÁCIA Assim... com tanta rapidez?
- DONA FERNANDA Ah, minha filha, está vendo como foi bom esperar! Tudo a seu tempo.
- MARIA Estou tão nervosa! Não sei que vestido usar.
- ALTIVA O mais bonito que tiver.
- DONA INÁCIA Tem que ser um vestido discreto.
- MARIA O vermelho me agrada mais.
- DONA INÁCIA Santo Deus, que exagero!

- ALTIVA E aquele azul, com rosinhas brancas?
- DONA INÁCIA O mais importante Maria não disse.
- MARIA O que foi que eu não disse, madrinha?
- DONA INÁCIA Se ele deu alguma esperança de noivado.
- ALTIVA Aposto que deu.
- DONA INÁCIA Ele tem que vir falar com sua mãe.
- ALTIVA Quem sabe hoje.
- DONA FERNANDA Ele não fala nada no bilhete, Maria?
- MARIA (*Um pouco irritada.*) - Não, mamãe, não fala!
- ALTIVA Mas ele não disse nada, nada?
- MARIA (*Evasiva.*) - Bem, ele...
- ALTIVA Não disse! Não disse! Chegou a hora do noivado! Maria, chegou! Olha como estou tremendo de alegria. Não posso ver um noivado que me arrepio toda!
- DONA FERNANDA Sempre tive fé em Deus.
- DONA INÁCIA Vamos ver se Deus desta vez vai dar um jeito mesmo.
- MARIA (*Saindo.*) - Esqueci as fitas!
- DONA FERNANDA Maria! Você não terminou!
- ALTIVA Deixa. Ela tem que se arrumar, dona Fernanda. Eu ajudo. Ainda tenho um tempinho antes de ir colocar mamãe no banho.
- DONA FERNANDA Por favor. Já devem estar vindo buscar os doces.

MARIA *(Excitada.)* - Lorca! Lorca! Que notícia maravilhosa, Lorca! Que surpresa!

LORCA Sim?

MARIA Seu sonso! E eu que estava duvidando de você!

LORCA Ah, é?! Achava que eu não seria capaz de fazer você feliz?

MARIA Tinha medo, sim, que você me obrigasse a passar o resto da minha vida trancada aqui, fazendo doces.

LORCA Não seria nada mal. Pastéis de nata... Gemas de Santa Tereza...

MARIA Seu espertinho! Pedro voltou, Lorca, é verdade? Diz! Estou tão nervosa!

LORCA Dá pra notar.

MARIA Como eu poderia imaginar que ele um dia... Bem. Muitas vezes eu sonhei tanto com esse dia.

LORCA Você prefere o moço Lopez?

MARIA Não.

LORCA Se preferir...

MARIA Não! O moço Lopez é apenas um amor. Pedro, não. Pedro é paixão! *(Espocando um beijo na bochecha de Lorca.)* Obrigada. *(Para.)* Você acha que ele ainda me ama?

LORCA Bem...

MARIA Que tolice! Se ele voltou é porque me ama, não?

LORCA Provável.

MARIA Como é que eu vou reagir quando Pedro aparecer na

- minha frente?
- LORCA Apaixonada...!
- MARIA Você tem que me ajudar.
- LORCA Você não precisa de ajuda.
- MARIA Tenho uma ideia! Vem cá.
- LORCA Estou aqui.
- MARIA Que ânimo!
- LORCA Não tenho tempo, Maria. Esperanza pode chegar a qualquer momento, terei que ir embora.
- MARIA Você não vai embora agora, não. De jeito nenhum!
- LORCA *(Grita, atordoado.)* - Mas eu tenho que ir. Você não entende. Tenho que fugir!
- MARIA *(Recua, assustada.)* - Tudo bem. Calma!
- LORCA *(Acalma-se.)* - Qual sua ideia?
- MARIA *(Retomando a jovialidade.)* - Você vai ser o Pedro.
- LORCA Eu?
- MARIA É. Você vai ser o Pedro.
- LORCA Estou muito nervoso pra fazer o papel de Pedro. Não consigo.
- MARIA Consegue, sim. Já sei! Espera. *(Maria sai para o quarto e logo retorna trazendo um boné.)* Coloque isto. Este boné era de Pedro. Me deu de presente antes de partir. Ele adorava usar bonés. Guardo-o até hoje. Coloca! *(Afasta-se.)* Deixa eu ver.
- LORCA E aí?
- MARIA Lindo! *(Confusa e nervosa.)* Vai, Lorca! Me ajuda. O

que eu faço?

- LORCA Eu entro na sala e exclamo: Maria! Você fica surpresa, pasma. E eu digo: Sou eu, Maria, Pedro! Não me reconhece?
- MARIA É você?!
- LORCA Sou eu! Olhe, pegue minha mão.
- MARIA *(Pegando-lhe na mão.)* - Você voltou!
- LORCA Vim buscar você, Maria.
- MARIA É um sonho?
- LORCA Não, Maria. É verdade! Vou levá-la pra visitar o mundo. Você vai conhecer um mundo muito melhor! Você vai poder fazer o que quiser. O que desejar!
- MARIA *(Perdidamente emocionada.)* - Vou poder amar à vontade?
- LORCA Lógico!
- MARIA Vou poder dançar? Cantar? Tagarelar?
- LORCA Lógico!
- MARIA Esperar você no portão, à tardinha?
- LORCA Deixe-me abraçá-la. *(Abraça-a.)* Venha. Vamos dançar, como nos velhos tempos.
- MARIA Faz tanto tempo!
- LORCA Como é que dizíamos?
- MARIA Quanto mais quente, mais lindo é o sol!
- LORCA Quanto mais fria, mais linda é a lua!
- MARIA Eu atirava os braços assim.

LORCA Eu segurava seus ombros assim, lembra?

MARIA E assim ficávamos por um segundo.

LORCA Talvez dois?

MARIA Talvez por um dia!

LORCA Por muito tempo.

MARIA Quem sabe pra sempre?

LORCA Sim!

MARIA Pode ser pra sempre?

LORCA Vai ser pra sempre, Maria. Você quer?

MARIA *(Apaixonada.)* - Quero.

LORCA E como é que dizíamos?

MARIA Quanto mais quente, mais lindo é o sol!

LORCA Quanto mais fria, mais linda é a lua!

MARIA Meu amor é pra você, meu sol!

LORCA Minha vida é pra você, minha lua! *(Rodopiam, beijando-se, até que o boné cai da cabeça de Lorca e a magia termina.)*

DONA FERNANDA *(Alto.)* - Maria!

MARIA É minha mãe.

LORCA Vá. Esperanza deve estar chegando.

MARIA Você vai embora mesmo?

LORCA Vou.

MARIA Por quê?

LORCA Tenho que fugir.

MARIA O que você fez?
LORCA Não sei.
MARIA Então por que querem prendê-lo?
LORCA Querem só me interrogar.
MARIA Mas por quê?
LORCA Não sei!
MARIA Será que é porque você é poeta?
LORCA *(Aumenta um pouco o tom.)* - Não sei.
MARIA Será que é porque você inventa personagens?
LORCA *(Aumenta mais um pouco o tom.)* - Maria, não sei!
MARIA Será que é porque você...
LORCA Chega!
MARIA E a peça? E o meu final feliz, Lorca?
DONA FERNANDA *(Aos gritos.)* - Maria!

CENA V

ESPERANZA *(Entrando, esbaforida.)* - Federico!
LORCA *(Ansioso.)* - Sim...?
ESPERANZA *(Esbaforida.)* - São eles!
LORCA Seus irmãos?
ESPERANZA Fale baixo, Federico. Não faça barulho. Não se mexe.

(Censurando.) Você foi à janela?

LORCA Bem...

ESPERANZA Alguém viu você?

LORCA Não... Eu estou aqui, quieto!

ESPERANZA Ainda bem. Você precisa fazer silêncio. Ficar sentado. Não faça nada. A casa está cercada, Federico!

LORCA Cercada?

ESPERANZA Não queriam nem me deixar passar.

LORCA Então, eles já sabem que eu estou aqui.

ESPERANZA Não! Como é que eles iam saber?

LORCA Não sei...

ESPERANZA Meu pai já está vindo. Ele não vai deixar ninguém entrar. Não se preocupe, ele vai resolver tudo. O importante é você não aparecer na janela. Pelo amor de Deus! Eu vou ficar lá embaixo, vigiando, enquanto meu pai não chega. *(Saindo.)* E não fique andando pra lá e pra cá. Faz barulho. Por favor...!

LORCA *(Virando-se, súbito, nervoso.)* - Maria! Não fique aí em pé. Temos pouco tempo. *(Batida de porta.)*

CENA VI

MARIA *(À porta, abrindo.)* - Entra!

MENINO A porta estava trancada.

MARIA Fui eu que tranquei.

MENINO Tem muita gente na festa.

MARIA Você já disse.

MENINO O circo vai passar daqui a pouco.

MARIA Eu gostaria tanto de ver o circo passar. (*Ansiosa.*) Viu Pedro?

MENINO Agora pouco. (*Maldoso.*) E vi também o moço Lopez.

MARIA (*Silêncio.*) - Você viu?

MENINO Vi.

MARIA Na festa?

MENINO Na igreja. Ajoelhado.

MARIA (*Enfadada.*) - Rezando.

MENINO Eu mesmo vi. Um fantasma vivo.

MARIA Pior se parecesse um santo morto.

MENINO Minha avó diz que você faz ele sofrer.

MARIA Sofrimento cada um procura o seu.

MENINO E o bilhete?

MARIA Ainda não escrevi.

MENINO (*Falsa censura.*) - Maria!

MARIA Calma! Vou escrever.

MENINO Pedro está atrás do mercado. Impaciente.

MARIA Pedro sempre quis o mundo a seus pés.

MENINO Ora senta, ora fica em pé.

MARIA (*Não ouvindo.*) - Seus passos marcam o chão como se fossem batidas de relógio numa noite escura. E,

quando chega, é como se uma luz forte se acendesse. Pedro é uma pessoa iluminada. Meu coração está disparando, olha...

- MENINO *(Entrega a caneta a Maria.)* - Aqui a caneta. *(Maria pega a caneta e começa a escrever, rápido.)* Ele foi seu noivo, é verdade?
- MARIA Não.
- MENINO Minha avó disse que vocês noivaram e aí ele fugiu.
- MARIA *(Entregando o bilhete ao menino.)* - Aqui está. E para de ser enxerido. Você não tem que saber de nada. Vai, vai logo!
- MENINO Então, já vou. *(Começa a vasculhar o bilhete, na tentativa de lê-lo, e o faz com dificuldade.)*
- MARIA Mas o que você está fazendo?
- MENINO Pra quem é este bilhete? Não tem nome.
- MARIA Você sabe pra quem é.
- MENINO Mas como Pedro vai ter certeza de que é pra ele?
- MARIA *(Alterada.)* - Não seja atrevido!
- MENINO Pode ser pro moço Lopez, não pode? Até pra mim.
- MARIA Vê se se enxerga! *(Arranca-lhe o bilhete da mão e escreve o nome.)* Aqui está o nome. Agora para de se fazer de engraçadinho.
- MENINO *(Recuando.)* - Um bilhete desses você pode enviar pra qualquer um que queira lhe dar uma oportunidade.
- MARIA *(Assustada.)* - Oportunidade?
- MENINO É. Uma oportunidade de noivar..., de... de... não é o que você vive procurando, um homem?
- MARIA Quem é que anda ensinando essas coisas pra você?

MENINO Ninguém.

MARIA Você às vezes me assusta, sabia?

MENINO Eu sou é esperto, e tenho olhos que enxergam longe.

MARIA Além da língua, agora os olhos. Vai logo, vai entregar o bilhete, antes que seja tarde.

MENINO *(Pausa.)* - Pra quem?

MARIA Menino!

MENINO É verdade! Não sei pra quem entregar este bilhete.

MARIA Você está maluco.

MENINO Quem é esse Pedro?

MARIA Não brinca comigo.

MENINO Não estou brincando.

MARIA Menino!

MENINO Não conheço nenhum Pedro.

MARIA Como não conhece...

MENINO *(Arrogante.)* - Não conheço!

MARIA E o bilhete de Pedro que eu tenho guardado?

MENINO Esse bilhete eu inventei.

MARIA Como inventou?

MENINO Eu inventei, é verdade.

MARIA Então, o Pedro não voltou...?

MENINO Não sei de nenhum Pedro.

MARIA *(Transtornada.)* - Me dá aqui esse bilhete!

- MENINO Não dou.
- MARIA (*Avançando sobre ele.*) - Você me enganou. Vou-lhe arrancar a língua por causa disso.
- MENINO Queria saber se você ia ficar mesmo com o moço Lopez.
- MARIA Seu...
- DONA FERNANDA (*Entrando.*) - Maria!
- MENINO Este bilhete agora é meu.
- DONA INÁCIA (*Entrando.*) - O que é isso?
- DONA FERNANDA O que ainda faz aqui esse pirralho?
- MARIA Me dá esse bilhete.
- MENINO (*Abanando o bilhete.*) - O moço Lopez vai saber. Todo mundo vai saber.
- DONA FERNANDA Cai fora!
- DONA INÁCIA Espera. Saber o que, menino?
- MENINO Aqui, ó! Eu tenho a prova.
- DONA INÁCIA Prova de quê?
- MENINO Que ela ia à festa com outro.
- DONA INÁCIA Com quem?
- MENINO Com Pedro.
- DONA FERNANDA Pedro voltou, Maria?
- MARIA (*Avança sobre o menino, que foge para o lado de dona Inácia.*) - Esse bilhete é meu.
- MENINO Eu inventei que o Pedro voltou e que ele queria que ela fosse à festa pra se encontrarem.

DONA INÁCIA Me dá aqui esse bilhete.

MENINO Vou entregar pro moço Lopez.

DONA INÁCIA *(Erguendo a voz.)* - Me dá aqui esse bilhete.
(Estendendo a mão, severa.) Me dá!

MENINO É meu.

DONA INÁCIA *(Tomando-lhe o bilhete.)* – Não é mais. Vai pra casa. Some daqui.

MENINO *(Saindo.)* - Maria é uma flor que cheira mal. Uma vagabunda!

DONA INÁCIA Chega, menino!

MENINO *(Junto ao portão.)* - Putinha! Putinha!

LORCA *(Vai em direção ao menino.)* - Você está mudando o texto!

MENINO É putinha, sim!

LORCA Não!

MENINO É sim! E você é um poetinha de merda!

MARIA Para!

MENINO Toda a Granada sabe que você é um republicano! Um comunista! Fica aí escrevendo coisas contra a Espanha! Morte aos comunistas!

MARIA *(Avançando, enquanto Lorca leva as mãos ao rosto, em ato de desespero.)* - Chega!

LORCA *(Segurando Maria.)* - Deixe-o falar!

MENINO O poeta é um invertido! Vocês sabiam? Um maricas! Ninguém tolera maricas, não! Ele tem que morrer. *(Volta.)* Comunista! Eu vou contar que você está aqui. Eu vou agora. *(Volta-se para Maria. Mostra-lhe a língua comprida.)* Vou contar sim, ouviu? Vou contar

pro moço Lopez que você ia à festa com outro.
(*Saindo. De fora.*) A putinha e o maricas!

CENA VII

- DONA INÁCIA (*Empunhando o bilhete.*) - Era o que você queria ouvir, não é, Maria?
- LORCA (*Reagindo.*) - Ela não queria ouvir, dona Inácia.
- DONA INÁCIA Não queria, mas parece que fez por onde.
- MARIA Me deixem em paz!
- DONA FERNANDA (*Pedindo calma a dona Inácia.*) - Esse moço Lopez era tão bom, seu Lorca. Onde vamos arranjar outro?
- DONA INÁCIA Não vai arranjar outro.
- MARIA Eu vou. Ah, vou sim!
- DONA INÁCIA Quero só ver como.
- MARIA Indo à festa.
- DONA FERNANDA (*Desesperada.*) - Mariia!
- MARIA Eu vou à festa sim e quero ver quem é que vai me impedir.
- DONA FERNANDA (*Em desespero.*) - Ajuda, seu Lorca!
- DONA INÁCIA (*Para Lorca.*) - Estragou, agora quero ver o senhor consertar.
- MARIA Vou me divertir sim! (*Saindo para o quarto.*) Pouco me importa o que vão falar. Vou colocar fitas coloridas nos cabelos... Eu vou ser a mulher mais

bonita da festa! (*Sai.*)

CENA VIII

- DONA INÁCIA Vamos ter que fazer alguma coisa, dona Fernanda.
(*Olhando para Lorca, como quem o acusa de inépcia.*)
E vai ter que ser nós duas.
- DONA FERNANDA Mas fazer o que, Inácia?
- DONA INÁCIA Ela não pode ir à festa, dona Fernanda.
- DONA FERNANDA Fiz tudo por essa menina... O que será que faltou?
- DONA INÁCIA Umass boas surras.
- DONA FERNANDA É o jeito dela, já veio pronta, não há como mudar.
- DONA INÁCIA Não muda porque não quer.
- DONA FERNANDA Maria sempre teve temperamento difícil.
- DONA INÁCIA Sabe de uma coisa? Por mim pode ir à festa. Ali não há mais nada a perder.
- DONA FERNANDA Se ela for, vou junto. Não vou deixar que fiquem zombando dela. Eu conheço o povo.
- DONA INÁCIA Teria o que merece.
- DONA FERNANDA Seu Lorca...! O senhor podia fazer alguma coisa...
- LORCA Deixe Maria fazer o que bem entende! (*Irritado.*) A vida é dela!
- DONA INÁCIA Ninguém faz o que bem entende, seu Lorca. Não é o que o senhor mesmo vive dizendo?

LORCA Ninguém faz porque ninguém tem coragem.

CENA IX

MARIA *(Entra, traz vestido vermelho, cor de sangue, e os cabelos jogados para trás, preso em fitas coloridas. Está linda. Recita, vibrante, mas não consegue esconder a tristeza.)* - Quanto mais fria mais linda é a lua... *(Silêncio.)*

DONA INÁCIA Não é que ela vai mesmo à festa!

DONA FERNANDA Maria, vamos conversar!

MARIA Sinto muito, mamãe, mas agora tenho eu que resolver sozinha minha vida. E vou resolver!

DONA FERNANDA *(Vendo que Maria se dirige à porta para sair.)* - Tudo já anda tão difícil, minha filha!

DONA INÁCIA *(Corre para a porta.)* - Tranque todas as portas, dona Fernanda!

DONA FERNANDA *(Rendendo-se à situação.)* - Eu vou com você!

DONA INÁCIA Dona Fernanda! Não sei o que estou fazendo aqui.

MARIA Não, mamãe. Pode deixar que eu cuido de mim. Não foi o que a senhora sempre me ensinou? Pois, então! Eu vou sozinha. Ninguém precisa ir pra guardar minha honra. Nem tenho mais honra, não é isso? Pois quero que me vejam sozinha. Olha lá a putinha! Não é o que vão dizer? Pois que digam. Pois que me cusпам. Sabem por que vou à festa? Porque não suporto mais a dúvida do moço Lopez. Ele não vai precisar mais se casar comigo. Não precisa. Nem quero. Vou destruir de vez minha reputação, pra que ele não tenha mais dúvida sobre mim. Eu sei que ele me ama. Ah! E como

me amou! Deixou em mim seu cheiro doce de pele suada...!

DONA INÁCIA Não acredito no que estou ouvindo.

DONA FERNANDA Mariia! Você...

MARIA Sim, mamãe, me deitei com ele sim, e daí? Foi uma noite inesquecível...! Seu rosto em chamas sobre o meu... É com essa imagem que eu durmo todas as noites. Ela me faz sonhar... (*Amarga.*) e não me deixa ver minha tristeza. Mas tudo tem que acabar, não tem? Pois assim acabará. Eu vou à festa.

DONA INÁCIA Agora está explicado... o moço Lopez... Por isso tanta dúvida. Tanta igreja. Vou-me embora. (*Enquanto rasga o bilhete, amassa-o e coloca-o nas mãos de Maria.*) O menino, a essa hora, já foi espalhar a novidade. Mas é melhor o moço Lopez não ver isso. Você ainda pode dizer que é tudo mentira. Com licença, dona Fernanda. (*Sai.*)

DONA FERNANDA (*Lamentando-se.*) - Não podia ter acabado desse jeito.

MARIA Mas acabou. Não podia, mas acabou.

DONA FERNANDA Como você às vezes é tão amarga.

MARIA Mamãe, vai lá ver como estão os seus doces, vai! Eles já devem estar vindo buscar.

DONA FERNANDA Eu vou me arrumar e vou à festa com você, minha filha. Eu não vou abandonar você. Nunca! Se lhe jogarem uma pedra, que joguem outra em mim. Com a mesma força! Com o mesmo ódio! Eu sou sua mãe, dona Fernanda. Conheço seu coração, aqui, ó!, como a palma da minha mão. Sei que ele é bonito. É verdadeiro! Lógico que eu quero que você seja feliz. Mas se for pra não ser, que assim seja. Mas sozinha você não vai ficar, não. Enquanto eu for viva, Maria, minha mão sempre estará estendida pra você. (*Saindo.*) Enquanto eles não chegam pra pegar os doces, eu vou me arrumar. (*Tom incisivo.*) Me espere, fique aí, eu

volto já! (*Batida violenta de porta. Assusta-se.*) O que é isso, meu Deus do céu?!

CENA X

LORCA (*Preocupado.*) - Silêncio, dona Fernanda.

DONA FERNANDA Não é aqui não, seu Lorca?

LORCA Quieta! - (*Ouvem-se novas batidas de porta. Depois passos na escada.*)

ESPERANZA (*Entra. Nervosa.*) - Federico, eles chegaram!

LORCA Que barulho é esse?

ESPERANZA São os homens do governador, eles vieram buscá-lo. Meu pai pediu pra você descer. Não adianta resistir, eles já sabem que você está aqui.

LORCA (*Reage.*) - Eu ainda preciso terminar a última cena pra Maria. Ela está esperando!

ESPERANZA Federico, você não entendeu, eles estão lá embaixo. Não há tempo pra mais nada. Meu pai quer que você desça.

LORCA Por favor... Eu preciso de um tempo!

ESPERANZA Federico!

LORCA (*Conclusivo.*) - Estou preso.

ESPERANZA Só vão levá-lo pra um interrogatório, eles garantiram.

LORCA Eles não interrogam ninguém. Eles não têm tempo pra isso!

ESPERANZA Só querem que você esclareça algumas coisas.

LORCA Vão-me fuzilar no muro do cemitério.

ESPERANZA Pare com isso!

LORCA Todos são fuzilados. Não foi assim com meu cunhado?

ESPERANZA Eles só querem interrogá-lo, já disse!

LORCA Sabe como eu quero morrer? Eu já previ tudo. *(Avança.)* Quero morrer em pé, olhando nos olhos do meu algoz. Quero morrer olhando para a morte.

ESPERANZA Federico, é só um esclarecimento. Eles prometeram a meu pai.

LORCA *(Pausa. Acalmando-se.)* - E se não for só um esclarecimento?

ESPERANZA Mas é, Federico. Lógico que é! Meu irmão vai pessoalmente falar com o governador. Há muitas pessoas que vão ajudar.

LORCA Como é que eu estou?

ESPERANZA Assustado.

LORCA Meus cabelos?

ESPERANZA Desalinhados.

LORCA E meus olhos?

ESPERANZA Você tem que mostrar coragem.

LORCA Eu sou um poeta, não sou um soldado!

ESPERANZA Nessas horas temos que ser fortes.

LORCA Será que foi isso que imaginei pra mim?

ESPERANZA *(Aproxima-se, dá-lhe um beijo e o conduz para fora.)* - Coragem, Federico! Confie em mim. Tudo vai dar

certo.

- LORCA *(Para. Reage.)* - Não vou descer.
- ESPERANZA Não complique mais as coisas, por favor!
- LORCA Pelo amor de Deus, você não entende?!
- ESPERANZA Não adianta querer fugir. Há homens nos telhados. Está tudo cercado.
- LORCA *(Com revolta.)* - Eu não quero fugir, não é isso!
- ESPERANZA *(Tendo conduzir Lorca, com jeito.)* - Federico... vamos! Por favor...! Antes que eles subam!
- LORCA *(Deixa-se levar, depois pára e reage. Olha para Maria.)* - Vai descendo com a mala.
- ESPERANZA Não precisa levar nada agora, Federico, você vai voltar.
- MARIA E se você não voltar, Lorca?
- LORCA E se eu não voltar, Esperanza?
- ESPERANZA Pelo amor de Deus, Federico. Eles vão subir, isso não é bom! *(Implora, agoniada.)* Por favor, vamos!
- LORCA *(Olha para Maria.)* - Tenho que ir, não é?
- ESPERANZA Tem, Federico.
- MARIA *(Vendo que Lorca vacila.)* - Vai! Está esperando o quê?
- LORCA *(Temeroso, aproxima-se.)* - Maria... Me deixa dizer só uma...
- MARIA *(Irritada.)* - Não quero ouvir!
- LORCA *(Reage.)* - Eu não tenho culpa!
- MARIA *(Irônica.)* - Não, não tem. Eu não sou sua personagem... você não me prometeu nada...! Eu é que vou-lhe dizer uma coisa. Não quero ouvir suas

lamentações. (*Arremedando.*) Ah, porque eu tenho que fugir!, ah, porque as pessoas são más!, ah, porque é difícil inventar um final feliz no meio de tanta desgraça...! Chega! Estou cansada dessa conversa inútil. Esta é a sua história, não a minha!

LORCA Eles estão me perseguindo como se eu fosse um bandido, e você...

MARIA Conversa inútil, sim! Me dê licença, que agora eu vou à festa. Vou à luta! (*Aproxima-se dele, entre a mágoa e o despeito.*) Quem sabe eu encontre um autor que tenha a coragem de me fazer feliz.

LORCA Mas o menino ia sim trazer o recado de Pedro, eu juro!

MARIA Pedro? Mandar recado? Pedro não é homem de mandar recado, Lorca. Até parece que você não sabe disso. Pedro nunca precisou de ninguém pra dizer a ele o que fazer. E eu ainda fui acreditar naquele pirralho...!

LORCA (*Extremamente confuso, reagindo.*) - Pedro é o seu final feliz, Maria. Pedro voltou!

MARIA Vai embora, por favor. Vai! Eles estão subindo as escadas, não está ouvindo não?

ESPERANZA (*Puxando Lorca.*) - Federico! (*Esperanza e Lorca saem, enquanto se ouve forte batida de porta.*)

CENA XI

DONA FERNANDA (*Grita.*) - Calma, o mundo não vai acabar não!

MARIA Estão vindo buscar os doces.

DONA FERNANDA Mais do que na hora! (*Faz menção de ir para a*

cozinha.) Não fique aí parada. Abre a porta.

- MARIA *(Pedro entra.)* - Pedro?!
- PEDRO Maria!
- MARIA *(Surpresa.)* - É você?!
- PEDRO Sou eu, Maria! Pedro! Não me reconhece?
- MARIA Você... voltou?!
- DONA FERNANDA É você mesmo, seu gato fujão?
- PEDRO Sou eu mesmo, dona Fernanda.
- DONA FERNANDA *(Observa Pedro.)* - Estou vendo que está bem apessoado.
- PEDRO Tenho me virado nesses anos todos.
- DONA FERNANDA Posso saber o motivo da visita?
- PEDRO *(Abre os braços.)* - Maria! Andei por esse mundo e não encontrei mulher mais bonita que você!
- MARIA Ah, é?! E só voltou por isso? Pode dar meia volta e ir embora.
- DONA FERNANDA *(Censurando.)* - Mariia!
- PEDRO Está bem. Eu vou embora. Mas você vai comigo.
- DONA FERNANDA Espera aí, apressadinho.
- PEDRO O que foi que nós combinamos? Que iríamos juntos visitar o mundo, lembra?
- MARIA *(Seca, desconfiada.)* - Lembro.
- PEDRO Então! Eu vim buscar você!
- DONA FERNANDA Espera aí! Não é assim não. Antes tem que casar.
- PEDRO Sem problemas, dona Fernanda. Vamos nos casar.

- DONA FERNANDA Antes de casar, tem que noivar.
- PEDRO *(Não dando muita importância. Cismado com a frieza de Maria.)* - Então, Maria? Você vem comigo?
- MARIA *(Olhando-o, curiosa.)* - Você está diferente e... e parece que não mudou nada!
- PEDRO *(Gira, mostrando-se.)* - Agora estou usando roupas finas de Madri. Gostou?
- MARIA *(Desconfiada, cruza os braços.)* - O que você veio fazer aqui?
- PEDRO Agora, neste instante? Eu vim convidar você pra ir à festa comigo. Me dá essa honra? Quero que você conheça o meu circo.
- DONA FERNANDA *(Admirada.)* - O seu circo!?
- PEDRO Meu circo, dona Fernanda.
- DONA FERNANDA Ouviu, Maria! Ele é o dono do circo!
- PEDRO *(Tomando-a pela mão.)* - Corro o mundo fazendo as pessoas rirem e cantarem... Isso não é maravilhoso?
- MARIA *(Retoma a confiança.)* - Rirem e cantarem?!
- PEDRO Quer saber o que eu faço mesmo? Alimento sonhos. É! Saio por aí alimentando sonhos por onde passo. O que é nossa vida se não sonhos? E o que seria de nós sem eles?
- DONA FERNANDA Maria só vai à festa depois que noivar.
- MARIA Mamãe, tenha a santa paciência!
- PEDRO Como é que é noivar, dona Fernanda?
- DONA FERNANDA Ora... Como é que é noivar... Ora... *(Insegura.)* Você chega pra mim, sério, e fala: dona Fernanda, eu quero noivar sua linda filha Maria. Só isso.

- PEDRO *(Jocosos.)* - Só isso? Mas é muito fácil!
- DONA FERNANDA Noivar é só o começo, não seja espertinho.
- PEDRO Pois bem. *(Rápido.)* Dona Fernanda, eu quero que sua linda filha Maria seja minha noiva e minha mulher.
- DONA FERNANDA Calma, rapaz, uma coisa de cada vez! *(Pausa. Séria.)* Consentido. *(Feliz.)* Agora sim, as mãos juntas, me dá um beijo! Primeiro a noiva. *(Maria beija dona Fernanda.)* Depois o noivo... *(Pedro beija dona Fernanda.)* Pronto! Tudo termina bem. Agora podem ir à festa. *(Relaxada.)* Nunca vi um noivado tão rápido.
- PEDRO Esperei dez anos por este momento, dona Fernanda. E já decidi tudo.
- DONA FERNANDA *(Desconfiada.)* - Decidiu o quê?
- PEDRO A festa, esqueceram? Mandei convidar toda a cidade para o nosso noivado. O noivado de Pedro e Maria!
- MARIA *(Ressabiada.)* - Mas...
- DONA FERNANDA *(Nervosa.)* - Todo mundo já sabe?
- PEDRO Lógico! Mandei espalhar pra toda a cidade. *(Para Maria.)* Você não está feliz? *(Sério.)* Dona Fernanda, eu queria pedir uma coisa. Algo de que me lembro e só a senhora sabe fazer.
- DONA FERNANDA *(Relaxando.)* - Vai, meu filho, vai à cozinha e come quantos pastéis de nata quiser. Vai com ele, Maria, está esperando o quê? Você agora é a noiva! *(Maria e Pedro vão para a cozinha.)*

DONA FERNANDA *(Está agitada, fala sozinha.)* - Maria... Noiva! *(Feliz.)* Noiva! Esse Pedro é danado. Maria, coitada, teve que esperar esse tempo todo... Eu dizia pra ela. Paciência, sua hora vai chegar. *(Séria. Aponta.)* Eu quero ver a cara dessa gente quando souberem que minha filha Maria ficou noiva. Pois fiquem sabendo! Maria ficou noiva de Pedro. Pedro Gonzáles, o dono do circo! Quero ver agora alguém dizer que é mentira. Saírem por aí falando que Maria nunca ficou noiva. Pedro Gonzales! Não é o moço Lopes não! Maria é noiva de Pedro Gonzáles. Isso tem que ficar bem claro, pra não dar confusão. Se encontrarem aquele pirralho fedorento, podem contar pra ele. Ele precisa saber. Quero ver a cara do fedelho...! Foi sua avó, sim, aquela velha do nariz de pato, que saiu por aí dizendo que Maria matou o filho. Que matou, só pra ninguém ficar sabendo que ela perdeu a virgindade. Maria não precisa disso não. Vão ter que ver minha filha andando de braços dados com um homem. Um homem importante! Dono de circo! E quero ver o que vão dizer. Que lhes caiam a língua podre! *(Pausa. Caminha de um lado a outro, enquanto Esperanza entra e começa a juntar as coisas de Lorca. Esperanza separa duas folhas que estavam soltas sobre a mesa.)* Ai, ai, ai, meu Deus! Agora eu tenho que pensar nas bodas... Vão ser daqui a três dias! Esse Pedro é danado, já pensou em tudo! *(Admirada.)* Daqui a três dias...! *(Para.)* Maria vai usar um vestido branco. *(Batida forte na porta.)* Até que enfim vieram buscar os doces!

CENA XIII

DONA FERNANDA *(Nova batida, forte. Abre a porta, entra o Moço Lopez. Apresenta-se bem vestido, calça botas de cano alto, mas está desalinhado e barbado, evidenciando certo desvario. Dona Fernanda se assusta.)* - Moço Lopez!

MOÇO LOPEZ Quero falar com Maria! Cadê Maria?

- DONA FERNANDA O que aconteceu?
- MOÇO LOPEZ Quero falar com aquela vagabunda!
- DONA FERNANDA Ai, ai, Meu Deus! Calma! O que é que está acontecendo?
- MOÇO LOPEZ Maria ficou noiva, não foi? (*Vê Maria.*) É verdade, Maria? Você noivou com o dono do circo?
- MARIA Vai embora!
- MOÇO LOPEZ Todos estão rindo de mim. Por sua causa!
- DONA FERNANDA Maria, vai pra cozinha!
- MOÇO LOPEZ (*Sem controle.*) - Noivou ou não noivou?
- MARIA Noivei!
- MOÇO LOPEZ (*Tenta agredi-la, Maria foge.*) - Olha o que você fez comigo!
- MARIA (*Pedro entra.*) - Esse é o meu noivo.
- DONA FERNANDA (*Começa a gritar, vendo o Moço Lopez sacar a arma e apontar pra Maria.*) - Ai, ai, Meu Deus! Ai, ai, Meu Deus!
- MOÇO LOPEZ Faz tempo que você me engana, não faz? Todo mundo já sabia, menos eu. Não é? Fala! É verdade que você esperou por ele esses anos todos? Você me enganou esse tempo todo, Maria?
- MARIA Eu nunca fui sua noiva.
- MOÇO LOPEZ (*Grita.*) - Mas ia ser! Ia ser!
- MARIA Ainda bem que eu não fui!
- DONA FERNANDA Ai, ai, Maria, não fala assim!
- MOÇO LOPEZ Eu vou ter que fazer isso, Maria... Eu tenho que fazer... (*Aponta, começa a vacilar, como se fosse largar a*

arma, desistindo.)

- PEDRO *(Apavorado e conciliador. Fala com riso nos lábios.) - Calma, rapaz, que é isso?*
- MOÇO LOPEZ *(Reanima-se, apontando agora a arma para Pedro.) - Não ri de mim, seu palhaço de circo! Eu não sou rapaz! Não ri de mim!*
- PEDRO Eu não estou rindo.
- MOÇO LOPEZ Está rindo sim! Todo mundo está rindo! Você vai morrer! Palhaço de circo! Vocês me enganaram esse tempo todo... Diz que vocês me enganaram!
- PEDRO *(Tentando controlar o pavor.) - Pelo amor de Deus, calma... Vamos esclarecer...*
- MOÇO LOPEZ *Ajoelha! (Dona Fernanda tenta segurá-lo, ele a empurra. Vendo que Pedro não o obedece, fica mais nervoso e inseguro.) Ajoelha, eu estou mandando!*
- MARIA Moço Lopez!
- DONA FERNANDA Ai, ai, pelo amor de Deus!
- MOÇO LOPEZ *Ajoelha, palhaço! Quem sabe morrendo ajoelhado você escapa do inferno!*
- PEDRO Não vou ajoelhar.
- MOÇO LOPEZ *Vai sim! Vai sim! (Para Maria.) Cala a boca!*
- PEDRO *(Adiantando-se levemente, altivo, imitando os mesmos gestos do personagem Lorca.) - Não vou ajoelhar. Quero morrer em pé, olhando nos seus olhos. Quero morrer olhando pra morte!*
- MOÇO LOPEZ *Então, olhe! (Começa a disparar. São quatro tiros.)*
- ESPERANZA *(Aterrorizada, ouve tiros. Vai até a janela.) - Meu Deus... (Grita.) Federico! (Desce, correndo, as escadas.)*

MARIA

*(Ao mesmo tempo que Esperanza.) - Pedro! Pedro!!
(Moço Lopez sai correndo, assustado. Maria debruça-se sobre Pedro e chama por ele. Dona Fernanda está paralisada e resmungando. Ouvem-se batidas de porta, enquanto lá fora alguém grita. “Abre, dona Fernanda! Viemos buscar os doces. Dona Fernanda! Maria!” Ouvem-se então músicas e gritos alegres, tudo muito festivo. Maria começa a chorar enquanto tira as fitas dos cabelos. A luz vai-se transformando em sol. Um sol vermelho, de sangue, enquanto o pano cai lentamente.)*

FIM

Brasília-DF, 25 de maio de 2001